

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA

THIAGO COUTINHO-SILVA

**Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal**

São Paulo

2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA

**Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal**

THIAGO COUTINHO-SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa Dra. Luciana Raccanello Storto

São Paulo

2008

**Folha de aprovação**

**Thiago Coutinho-Silva**

**Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

Aprovado em:

Banca examinadora

---

Professora Dra. Luciana Storto – orientadora

---

Professora Dra. Esmeralda Negrão (titular)

---

Professora Dra. Bruna Franchetto (titular)

---

Professor Dr. Angel Corbera Mori (suplente)

---

Professor Dr. Marcelo Ferreira (suplente)

---

Professor Dr. Marcia Santos Duarte de Oliveira

Gostaria de dividir a dedicatória deste trabalho em duas partes;

a primeira, é à Dona Jesu;

a segunda, é para todas as pessoas  
que não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive, e sabe lá  
Deus quantas delas eram tão (ou mais) competentes e/ou merecedoras do que eu.

Em primeiro lugar, agradeço Especialmente ao “Lado negro da Força”:

à Suzi Lima, amiga de parque D. Pedro, tramas da ZL [só quem é sabe!], Star Wars, quadrinhos, cinema, música, moda, pizza do Japa e idéias perigosas; ao Julio Barbosa, amigo de arquibancada, viagens abstratas [e viva a teoria X-barra!], pretensão “Ponte Preta” [se liga véi, o título cai melhor em mim!] e de um grande coração; a Minha Orientadora Luciana Storto, por acreditar em mim e me guiar nesta jornada que resulta em um primeiro passo à maturidade acadêmica [espero!];

aos Karitianas, em especial a Inacio, Cladiana, Luis Carlos, Elivar, Nelson, Claudio e muitos outros por me ajudar a entender algumas coisinhas em Karitiana; aos professores do departamento de linguística da FFLCH-USP, pela ótima formação que me forneceram – qualquer contra-exemplo existente em meus trabalhos, assumo como de minha responsabilidade. Gostaria de agradecer em especial a três professores: Esmeralda Negrão, Ivani Viotti e Marcos Lopes, que foram decisivos pela minha escolha pela pesquisa linguística; à professora Ana Müller pela oportunidade de iniciar uma pesquisa;

Agradeço especialmente à Professora Tele Porto Ancona Lopez e ao professor Marcos Moraes por me mostrar como é maravilhoso investigar. Também agradeço ao pessoal do IEB, com o qual convivi e aprendi muito no período em que pesquisei/ trabalhei por lá. Em especial agradeço ao Denis; ao Marcelo Ferreira – quem admiro como pesquisador; ao Uli Sauerland pela paciência de discutir meus dados comigo; ao Jairo Nunes por me ajudar a clarear minhas idéias; ao secretários/amigos/salvadores do departamento: Érica Flávia, Robson e Ben-Hur; aos colegas e amigos dos cursos de pós: Rita, Marcus, Juliana, Rafael, Sonia, Lidia e Nize; aos muitos colegas e amigos que colecionei em congressos e viagens à 'coisas afins'. Em especial a Luisandro Mendes; ao pessoal da UFAL, UFSC, UnB, UFPR, Unicamp, UFMG, UFPE, etc. Não direi nome por nome, pois faço amizade fácil e a

lista aqui é bem grande; à Fernanda – amiga e par nas danças pela vida; ao Acauam – grande amigo e irmão para os conhecimentos acadêmicos e além-academia; à Aika - peça chave de tudo isso; à Melody – minha irmã oriental; ao Tatá – amigo (no sentido pleno da palavra); à família, em especial a Maria e a Sarah; à Vanessa – companheira de debates sobre as pessoas e as artes; ao professor Eduardo Navarro, por me introduzir nos temas indígenas; aos Professores Julio Groppa e Zé Sergio, por me ensinar a sempre re-calcular a realidade;

Não tão menos especial, agradeço:

à turma do Tio Gel: Cris, Venega, Digão, Vitão, Zé da Poli, Pegattore, Du negão, Bosinho, Marília, Bow, Laisa, Carol, Pri, Rafa Caell e especialmente ao Dr. Geraldo Leite, pelos ensinamentos sobre a vida; aos amigos da graduação: Lucius, Marcelo, Camilão, Fezão, Fezinha, Fefis, Enxaqueca, Fabito, Jarbas, Lud entre outros; ao pessoal da infância: Carol, Meninão, Virão, Pepê, Dollinha, Rafa, Daniel, Negão, Plic, o pessoal da Sociedade Amigos de Vila Guilhermina e todos que não coloco o nome por questão de espaço e não de esquecimento; ao pessoal do Outback: “vem comigo que eu tenho um plano”;

ao CNPq por financiar meu trabalho;

à mim mesmo, por estar aqui agora.



“Uma genuína teoria da linguagem humana tem de satisfazer duas condições: “adequação descritiva” e “adequação explicativa”. (...) Há uma séria tensão entre essas duas tarefas de pesquisa. A procura da adequação descritiva parece levar a uma complexibilidade e a uma variedade sempre maiores que de sistemas de regras, ao passo que a procura de adequação explicativa exige que a estrutura da língua seja, em grande parte, invariante. É essa tensão que tem quase sempre fixado as pautas de pesquisa.” (Chomsky, 1998:24)

## RESUMO

COUTINHO-SILVA, Thiago. **Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

De uma maneira geral, este trabalho tem como objetivos descrever e analisar alguns aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana. Primeiramente, retomamos as discussões de Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) e Sanchez-Mendes (2007) acerca da quantificação em Karitiana e descrevemos o comportamento do suposto quantificador Universal: *akatyym*, propondo que em Karitiana exista um processo específico de 'quantificação' que não pode ser tratado como quantificação nominal ou adverbial conforme descrito em Bach et al (1995), pois o que nossa análise tanto do ponto de vista morfossintático, quanto do ponto de vista semântico aponta é que NP+*akatyym* é uma sentença relativa com núcleo interno, e sua suposta força quantificacional de Universal pode ser justificada como uma característica das relativas livre de núcleo interno que ao interpretar semanticamente seus núcleos nominais internamente ao CP, gera uma operação que tem como resultado semântico uma denotação de entidade plural máxima ou completa (cf. Grosu & Landman, 1998). Além disso, este trabalho analisa alguns fatos inter-relacionados dentro do Sintagma Nominal: analisamos as estruturas demonstrativas, mostrando que elas também são melhor analisadas como sentenças relativas e



propomos uma descrição e análise dos pronominais em Karitiana tanto do ponto de vista da Morfologia Distribuída, seguindo os trabalhos de Ritter e Harley (1998), Hanson, Harley e Ritter (2000) e Harley e Ritter (2002) para a composição da geometria de traços no paradigma dos pronomes pessoais na língua, quanto dos recursos envolvidos na ligação e co-denotação (Büiring, 2005).

Por fim, apontamos que a não existência de um item lexical específico para a Quantificação Universal Nominal, de pronomes demonstrativos e de uma efetiva morfologia de número nos pronomes pessoais corroboram a hipótese de não existência da categorial funcional DP nos nominais em Karitiana proposta por Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b).

*Palavras-chaves:* Karitiana; sintagma nominal; relativização; sintaxe.

#### ABSTRACT

COUTINHO-SILVA, Thiago. **Aspects of Noun Phrases in Karitiana: Universal Quantification.** Dissertation (master) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

In a general aspect, this work has as its goals to describe and analyze some aspects of the Karitiana Noun Phrases. First, we take up again the discussions from Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b) and Sanchez-Mendes (2007), on Karitiana's quantification, and we describe the behaviour of the alleged universal quantifier: *akatyym*, proposing that, in Karitiana, there is a specific 'quantificational' process that cannot be treated as noun or adverbial quantification as described in Bach et al (1995), since what our analysis shows from the morphosyntactic, as well as the semantic point of view, is that NP + *akatyym* is a internal-headed relative clause, and its alleged Universal quantificational force can be justified as a characteristic of the internal-headed free relatives, that, as it interprets its nominal heads semantically DP-internally, generates an operation which has as its semantic result a denotation of plural maximum or complete entity (cf. Grosu & Landman, 1998). Besides, this

work analyzes a few interesting facts correlated within the Noun Phrase: we analysed the demonstrative structures, showing that they are best analyzed as relative clauses, and we propose a description and an analysis of the Karitiana pronouns from both the Distributed Morphology point of view, following the works of Ritter & Harley (2002), for the feature geometry composition for the person pronouns paradigm, and also of the resources involved in binding and co-denotation (Büring, 2005).

At last, we point that the non-existence of a specific lexical item for universal quantification of nominals, of demonstrative pronouns and of an effective number morphology in the personal pronouns corroborate the hypothesis of non-existence of the functional category DP in the Karitiana nouns, as proposed by Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b).

*Keywords:* Karitiana, noun phrases, relativization, syntax.

## Índice

<b>0. Introdução</b>	1
0.1 Fontes dos dados	2
0.2 A língua Karitiana	3
<b>Capítulo 1</b>	4
<b>1. Quantificação Universal em Karitiana</b>	4
1.1 Objetivos	4
1.2 Dados	5
1.3 Bases teóricas/ <i>background</i>	6
1.3.1 Tipos de quantificação em Karitiana	6
1.3.2 <i>Background</i> : Entre a quantificação-A e a quantificação-D	7
1.4 O comportamento sintático dos quantificadores e a sua distribuição	8
1.5 A distribuição dos quantificadores em Karitiana	20
1.6 <i>Akatyym versus kandat e keerep</i>	23
1.7 Uma morfossintaxe para <i>akatyym</i>	25
1.7.1 <i>Aka</i> – verbo?	26
1.7.2 <i>Tyym</i> – partícula subordinadora	28
1.8 Outras possibilidades do uso do <i>akatyym</i> 'todos'	31
1.9 Qual o tipo de sentença é NP+ <i>akatyym</i> ?	34
1.10 Relativas em Karitiana	37
1.10.1 <i>Background</i> acerca das sentenças relativas	41
1.10.2 Estruturas com <i>akatyym</i>	44
1.11 Conclusões	53
<b>Capítulo 2</b>	55
<b>2. Fenômenos satélites a <i>akatyym</i></b>	55
2.1 Demonstrativos em Karitiana	55
2.1.1 Introdução	55
2.1.2 <i>Background</i>	56
2.1.3 Dados	57

2.1.4 Primeira Análise	59
2.1.5 A morfossintaxe dos Demonstrativos	61
2.1.6 <i>Aka</i> – verbo auxiliar	63
2.1.7 Estatuto Sintático dos PCs	67
2.1.8 Conclusões	73
2.2 Pronomes pessoais	74
2.2.1 Introdução	74
2.2.2 Sobre uma listagem de participantes	75
2.2.3 Sobre o papel do <i>ta</i> e do <i>i</i> na composição dos pronomes 'plurais'	78
2.2.4 A terceira pessoa <i>i</i>	80
2.2.5 Conclusões	82
2.3 <i>i</i> e <i>ta</i> e a ligação em Karitiana	83
2.3.1 <i>Background</i>	83
2.3.3 Reflexivos de longa distância e orientação	87
2.3.4 Anáfora orientada para o sujeito	88
2.3.5 Uma anáfora orientada para o anti-sujeito?	90
2.3.6 <i>i</i> e <i>Ta</i> : pronomes relativos?	92
2.3.7 Conclusões	94
<b>Capítulo 3</b>	95
<b>3.1 Considerações Finais</b>	95
<b>4. Referências Bibliográficas</b>	96

## Abreviações e Glosas

ADV	Advérbio
ARG	Argumento
AspP	Sintagma Aspectual
aux	auxiliar
CFO	Construção de foco do objeto
conec	conectivo
CP	Sintagma complementizador
D	Determinante
decl	declarativa
fut	futuro
MD	Morfologia Distribuída
N	Nominal
nfut	não futuro
nmlzr	nominalizador
OBJ	Objeto
obl	oblíquo
posp	posposição
part	particípio
PC	Posição do Corpo
pl	plural
Q	Quantificador
QP	Sintagma Quantificacional
NP	Sintagma Nominal
VP	Sintagma Verbal
Spec	Posição de Especificador
IP	Sintagma de Tempo
sg	singular
dupl	duplicação
REL	(sentença) Relativa
3anaf	terceira pessoa anafórica
2p	segunda pessoa do plural
SUJ	Sujeito (posição)
tr.	traço

sub	subordinador
1pp.in	primeira pessoa do plural inclusiva
vblz	verbalizador
1s	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa do singular
3	terceira pessoa

## Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal

### 0. Introdução

Este trabalho tem como objetivos: (i) descrever o comportamento do suposto quantificador Universal em Karitiana: *akatyym*, (ii) propor uma análise para NP+*akatyym* que satisfaça suas exigências sintáticas e leituras semânticas observadas, (iii) discutir alguns fenômenos associados às possibilidades de ocorrência de *akatyym* na língua e (iv) propor uma análise geral que satisfaça as evidências empíricas da língua e as exigências teóricas correntes sobre o assunto.

Este trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo, retomamos as discussões de Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) e Sanchez-Mendes (2007) acerca das características dos nominais e dos processos de quantificação na língua Karitiana e propomos que nesta língua existe um processo específico de 'quantificação' que não pode ser tratado como quantificação nominal ou adverbial, pois o que nossa análise final aponta é que NP+*akatyym* é uma sentença relativa com núcleo interno, e sua suposta força quantificacional de Universal pode ser justificada como uma característica das relativas livres de núcleo interno que, ao interpretar semanticamente seus núcleos nominais internamente ao CP, geram uma operação que tem como resultado semântico uma denotação de entidade plural máxima ou completa.

No segundo capítulo, nosso objetivo é descrever e analisar fatos lingüísticos envolvidos diretamente com o comportamento dos nominais em Karitiana. Este capítulo está dividido em três partes: na primeira é feito um esboço de como os nomes são ancorados deiticamente em Karitiana e assim, mostrando que não há pronomes

demonstrativos nesta língua, mas no lugar destes há uma estrutura que se assemelha a uma sentença relativa restritiva. Na segunda parte, analisamos o paradigma pronominal da língua Karitiana a partir das propostas de geometria de traços de Ritter e Harley (1998), Hanson, Harley e Ritter (2000) e Harley e Ritter (2002) no *framework* da Morfologia Distribuída, a fim de constatar se a ausência de pluralidade proposta por Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) para os pronominais pode ter um tratamento mais adequado dentro da MD<sup>1</sup>. Além disso, baseados nos trabalhos sobre *binding* (Chomsky (1981) e Büring (2005)), apontamos que as partículas *ta-* e *i-* que exercem de antemão o papel de reflexivo (anafórico) e pronome, respectivamente, e também possuem muitas outras funções na língua, como a de reflexivo de longa distância e também parecem marcar fonologicamente vestígio movidos junto a *akatyym*, com a finalidade de 'apontar' qual argumento (ergativo ou absolutivo) está sendo operado semanticamente. Por fim, será discutida a existência ou não de categorias funcionais nos nominais em Karitiana, a partir do que, a princípio, parece um problema para o tratamento do item *akatyym* nesta língua.

No terceiro capítulo os resultados deste trabalho são sumarizados.

## 0.1 Fontes dos dados

Este trabalho possui as seguintes fontes primárias de dados :

- (a) Dados coletados por Müller, Storto e Coutinho-Silva (2005, 2006 e 2007);
- (b) Dados gravados por Storto (2008): (a) Claudiana e (b) Nelson;
- (c) Dados coletados em viagem de campo a Porto Velho (fev. 2008);
- (d) Dados coletados por Coutinho-Silva (set. 2008).

Além destas fontes, foram utilizados alguns exemplos retirados de trabalhos sobre a

---

<sup>1</sup> É importante lembrar que os pronomes são tratados tradicionalmente na literatura como DPs, e como possuem distinção de número, e um inventário restrito de formas, uma análise destes itens lexicais pode ser muito esclarecedora no que diz respeito à estrutura dos nominais.



língua Karitiana e sobre o assunto, cujas fontes são referidas por nome do autor e data do trabalho.

## **0.2 A língua Karitiana**

Karitiana é a única língua sobrevivente da família Arikém (Tronco Tupi), falada atualmente por aproximadamente 330 pessoas, que vivem numa reserva indígena demarcada, localizada a 95 km ao sul de Porto Velho, no estado de Rondônia, Brasil (Storto, comunicação pessoal).

## 1. Quantificação Universal em Karitiana

### 1.1 Objetivos

Este capítulo tem como principal objetivo descrever e analisar a quantificação Universal em Karitiana, estabelecendo sua natureza e comportamento tanto do ponto de vista sintático, quanto semântico a fim de discutir as implicações dos fatos empíricos encontrados frente à literatura corrente sobre o assunto.

A quantificação Universal em Karitiana é expressada basicamente pela palavra *akatyym*, traduzida inicialmente como 'todos', a qual encontra-se em distribuição complementar sintática e semântica com outros quantificadores e operadores na língua.

Embora seja possível uma análise dos dados que possa sugerir que o item lexical *akatyym* seja um quantificador nominal, algumas características morfossintáticas e semânticas sugeridas pelas teorias correntes sobre o assunto apontam para uma outra classificação para *akatyym*. Assim, este trabalho examina os possíveis desenvolvimentos analíticos dos fatos encontrados em Karitiana envolvidos com o item lexical *akatyym*, a fim de atingir uma descrição satisfatória e, ao mesmo tempo, uma análise razoável que esteja em consonância com os modelos teóricos utilizados.

Inicialmente, desenvolvemos uma análise que sugere que este item seja um quantificador, o qual aparenta ser um operador de universalidade, pois enquanto todos os outros quantificadores em Karitiana são estritamente adverbiais e operam sempre com o argumento evento da sentença, como aponta Sanchez-Mendes (2007), *akatyym* só forma constituinte e opera com nominais. Contudo, ao aprofundarmos a análise pelo ponto de vista morfossintático, percebemos que talvez essa não seja a melhor análise para este item, tanto do ponto de vista sintático, quanto semântico.

A partir desta dissemelhança com o que a literatura trata como canônicos operadores de universalidade, uma análise morfossintática é desenvolvida com a finalidade de atestar a hipótese de que o item lexical *akatyym* é uma sentença relativa de núcleo interno. Dessa maneira, tratando *akatyym* como uma sentença relativa com núcleo interno, a suposta força quantificacional de Universal pode ser justificada como uma característica das relativas livres de núcleo interno que ao interpretar semanticamente seus núcleos nominais internamente ao CP, gera uma operação que tem como resultado semântico uma denotação de entidade plural máxima ou completa.

## 1.2 Dados

Os dados que serão utilizados neste trabalho são dados de quantificação tais como os apontados nos exemplos abaixo:

'Quantificação' com nominal:

### 1. Taso akatyym nasokō'īt eremby

<b>taso</b>	<b>akatyym</b>	ø-na-sokō'īt	eremby
<b>homem</b>	<b>todos</b>	3-decl-amarrar-nfut	rede

'Todos os homens amarraram a(s) rede(s)'

Quantificação adverbial (*kandat* 'muito'):

### 2. **Kandat** taso naokyt boroja

<b>kandat</b>	taso	ø-na-oky-t	boroja
<b>muito</b>	homem	3-decl-matar-nfut	cobra

'Muitos homen(s) matam a(s) cobra(s).'

Quantificação adverbial (*keerep* 'sempre'):

### 3. Taso naoky tykat boroja **keerep**.

taso	ø-na-oky	ty-ka-t	boroja	<b>keerep</b>
homem	3-decl-matar	aux-PC-nfut	cobra	<b>sempre</b>

'O(s) homen(s) sempre matam a(s) cobra(s)'.<sup>2</sup>

Coutinho-Silva (2006) aponta que os processos de quantificação em Karitiana são basicamente adverbiais. Embora neste trabalho o tema não seja amplamente desenvolvido, é apontado que exemplos como o em (1) acima são diferentes em vários aspectos dos exemplos (2) e (3). Sanchez-Mendes (2008) aponta que em Karitiana a quantificação é estritamente adverbial. Porém, como Coutinho-Silva (2006) já havia observado e será desenvolvido nas seções seguintes deste trabalho, *akatyym* 'todos' comporta-se de maneira bem diferente dos quantificadores como *keerep* 'sempre' e *kandat* 'muito', pois apenas para os últimos, o comportamento paralelo aos advérbios na língua é evidente.

### 1.3 Bases teóricas/ background

Na descrição do comportamento dos quantificadores em Karitiana, foram utilizados os trabalhos de Partee *et al.* (1987), Jelinek (1995), Vieira (1995), Evans (1995), Bittner (1995), entre outros.

Como base para as propostas estruturais desenvolvidas para a língua Karitiana, foram utilizados os trabalhos de Storto (1999), Coutinho-Silva (2005a,b 2006a,b), Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) e Sanchez-Mendes (2007 e 2008).

#### 1.3.1 Tipos de quantificação em Karitiana

Como já apontado, o objetivo deste capítulo é entender o comportamento do suposto quantificador<sup>2</sup> *akatyym* 'todos' – um forte candidato a quantificador-D(eterminante) - em contraste com outros quantificadores em Karitiana : *keerep* 'sempre' e *kandat* 'muito'.

Propostas como as de Barwise and Cooper's (1981 apud Vieira, 1995) apontavam

---

2 Embora o desenvolvimento deste trabalho aponte que *akatyym* não seja um quantificador de fato, temporariamente o trataremos desta maneira.

que todas as línguas possuem uma "essencial quantificação de NP", porém trabalhos sobre quantificação como os de Partee . (1987), Jelinek (1995), Vieira (1995), Evans (1995), Bittner (1995) entre outros, embasados em dados de línguas até então poucos estudadas sobretudo, avançam num sentido contrário, apontando o processo de quantificação adverbial como o mais comum nas línguas naturais.

### **1.3.2 Background: Entre a quantificação-A e a quantificação-D**

Foi no artigo "Quantification: A Cross-Linguistic Perspective" de Partee *et al.* (1987) que pela primeira vez foi levantada a hipótese de que as línguas naturais apresentam a quantificação nominal e adverbial como possibilidades disponíveis aos seus sistemas, em detrimento da afirmação de que havia a necessidade de todas as línguas possuírem quantificação nominal enquanto que a quantificação adverbial seria opcional. Este artigo funda um grande debate sobre o assunto, e foi a partir deste debate que a expressão A-quantifier (do inglês 'Adverbial quantifier' - quantificador adverbial) foi cunhada pela primeira vez em contraponto aos chamados D-quantifiers (do inglês Determiner quantifier - quantificador determinante). Nesta divisão, Partee . (1987) e posteriormente Bach *et al.* (1995) colocam que palavras e expressões podem ter funções quantificacionais bem próximas, porém ter um comportamento diferente em relação a:

- (i) o tipo de constituinte sobre o qual podem (ou devem) operar;
- (ii) o comportamento sintático;
- (iii) o escopo;
- (iv) a seleção ou não de um determinado constituinte.

Essa separação tem como intenção, como apontam Bach . (1995), realizar um estudo em que não apenas se realizasse uma investigação sobre NPs com determinantes do tipo 'every' - estes já exaustivamente estudados pela tradição filosófica e lingüística - mas

também aquilo que Lewis (1975) chamou de "adverbs of quantification" (advérbios da quantificação), como 'quantificadores flutuantes' e quantificadores realizados via afixos verbais e também via auxiliares.

O esclarecimento do comportamento dos quantificadores em geral, via material sintático e semântico, tem como objetivo prático questionar a proposta de Barwise and Cooper (1981) de que a quantificação nominal é universal nas línguas naturais e também averiguar 'todos' os possíveis meios pelos quais as línguas naturais expressam quantificação (*latu sensu*).

Visto isso, os quantificadores a serem analisados em Karitiana são:

- *kandat* 'muito'
- *keerep* 'sempre'<sup>3</sup>
- *akatyym* 'todo(s)'

#### 1.4 O comportamento sintático dos quantificadores e a sua distribuição

Primeiramente, ao observarmos um pequeno número de exemplos, o suposto quantificador *akatyym* apresenta um comportamento bem diferente dos quantificadores *kandat* e *keerep*. Vejamos os exemplos:

##### 4. **Kandat** taso naokyt boroja

<b>kandat</b>	taso	ø-na-oky-t	boroja
<b>muito</b>	homem	3-decl-matar-nfut	cobra

'Muitos homens matam as cobras.'

O quantificador *kandat* do exemplo (4), também aparece em outras posições dentro da sentença sem que sofra comprometimento da gramaticalidade:

##### 5. Taso naokyt **kandat** boroja

##### 6. Taso naokyt boroja **kandat**.

---

3 *Keerep* em alguns contextos pode significar 'antigamente'.

E mesmo sendo utilizado em posições diferentes, o quantificador *kandat* tem a denotação voltada para a sentença, sendo possível a leitura dada na tradução no exemplo (4) ou as apontadas abaixo em (7), (8) e (9) devido ao processo de quantificação do evento denotado pelo verbo:

7. 'Os homens matam muitas cobras'.
8. 'Os homens muito matam cobras'  
(O(s) homen(s) mata(m) cobra(s) muitas vezes)
9. 'Muitos homens matam muitas cobras'<sup>4</sup>.

Da mesma maneira, o quantificador *keerep* do exemplo (10), abaixo, também aparece em outras posições dentro da sentença sem que sofra comprometimento da gramaticalidade, pois a língua Karitiana permite outras ordens para os seus constituintes (11-13):

10. Taso naoky tykat boroja **keerep**.  

taso	ø-na-oky	ty-ka-t	boroja	<b>keerep</b>
homem	3-decl-matar	aux-PC-nfut	cobra	<b>sempre</b>

'Os homens sempre matam as cobras'.
11. Naoky tykat **keerep** boroja taso.
12. **Keerep** naoky tykat boroja taso.
13. Naoky tykat boroja taso **keerep**.

Independentemente da ordem dos constituintes apresentada (ex.10-13), a leitura de 'Os homens sempre matam as cobras' - dada na tradução em (10) - pode ser mantida. Além

---

4 Como veremos adiante, Sanchez-Mendes(2008) argumenta que os quantificadores em Karitiana operam apenas sobre eventos, ou seja o objeto de quantificação é o predicado verbal. Assim, a leitura proposta em (8) e (9) não é fruto de quantificação direta do *kandat* 'muito' sobre o nominal *boroja* 'cobra' ou sobre o nominal *taso* 'homem' (4-7), ela é decorrente da reduplicação de eventos que ao pluralizar o evento do verbo *-oky-* 'matar' pragmaticamente refere-se a mais de uma cobra, e não a repetição do evento ao mesmo indivíduo. Também é possível a leitura apresentada em (10) onde tanto o argumento interno quanto o argumento externo parecem sobre pluralização decorrente do mesmo quantificador *kandat*, fato este que reforça a idéia de que estes quantificadores adverbiais operam sobre a sentença inteira.

disso, outras leituras são possíveis como (14) e (15)<sup>5</sup>:

14. 'Sempre os homens matam as cobras'.

15. 'Os homens matam sempre as cobras'.

Como podemos observar nos exemplos de (4) à (6) e de (10) à (13), *kandat* e *keerep* podem ocupar diversas posições na estrutura sentencial. Storto (1999) ao testar os movimentos dos constituintes dentro da sentença mostra que os advérbios se adjungem à esquerda em projeções máximas ou a direita das sentenças. Assim, uma sentença matriz do tipo SVO em Karitiana permitem três possíveis posições para os advérbios: antes do sujeito, entre o verbo e o objeto e depois do objeto.

Storto (1999, 2003) descreve Karitiana como uma língua verbo-final, a qual apresenta movimento obrigatório do verbo principal para a segunda posição da sentença matriz. Existe uma distribuição complementar entre sentenças matriz e encaixadas em relação à posição do verbo. As sentenças matriz são verbo-iniciais (VOS, VSO) ou têm o verbo na segunda posição (SVO, OVS). As sentenças subordinadas são invariavelmente verbo-finais (OSV, SOV). O movimento do verbo na sentença raiz está associado à presença de concordância e tempo, que nunca estão presentes em sentenças dependentes (Storto 1999, 2003).

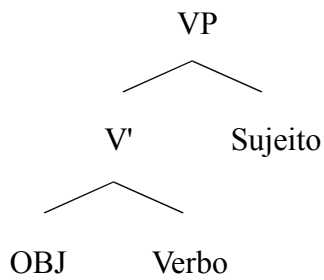
Storto (1999) descreve dois tipos de estruturas básicas possíveis em Karitiana: a arcaica (SOV), pouco utilizada e mais comum em narrativas, e a contemporânea (OVS), estrutura (16) abaixo, amplamente usada no diálogo do dia-a-dia:

---

5 Quanto a estas possíveis leituras apresentadas das sentenças (entre outras) e a relação destas com os itens como *kandat* e *keerep*, uma investigação mais refinada sobre o escopo dos quantificadores adverbiais precisa ser feita, o que não é o objetivo deste trabalho.

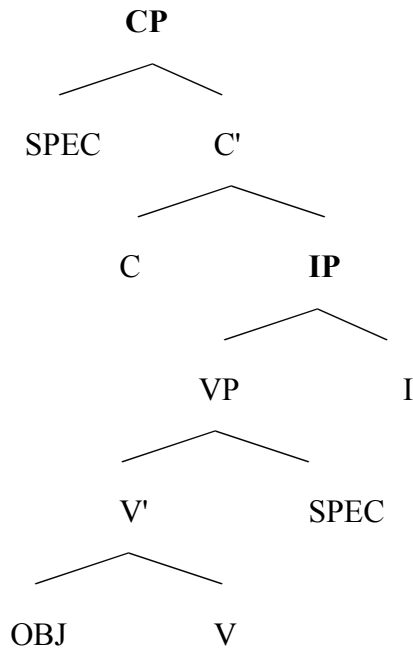


16. ordem do SV (Storto 1999)



Desta maneira, a possibilidade de uma sentenças matriz do tipo SVO em Karitiana permitir três possíveis posições para os advérbios, como apontado por Storto (1999), é oriunda do fato dos advérbios se adjungirem a projeções máximas e as sentenças matrizes desta língua projetarem pelo menos duas projeções máximas funcionais, o IP e o CP, vejamos a estrutura em (17) abaixo:

17.

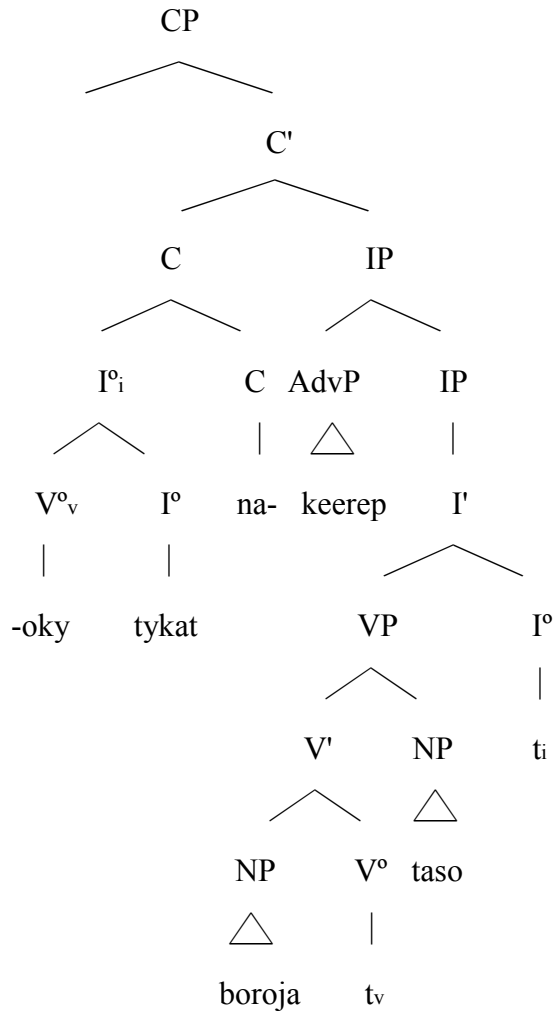


Esse desdobramento das categorias funcionais na sentença acontece da seguinte maneira: o verbo gerado em V° se move para o núcleo I° e posteriormente para o núcleo de C. Dados estes movimentos, a adjunções são possíveis entre o verbo e o objeto<sup>6</sup> (advérbio adjunto em VP ou IP), exemplo e estrutura (18) abaixo, na primeira posição da sentença,

<sup>6</sup> Digo entre o verbo e o objeto já na estrutura superficial, linearizada.

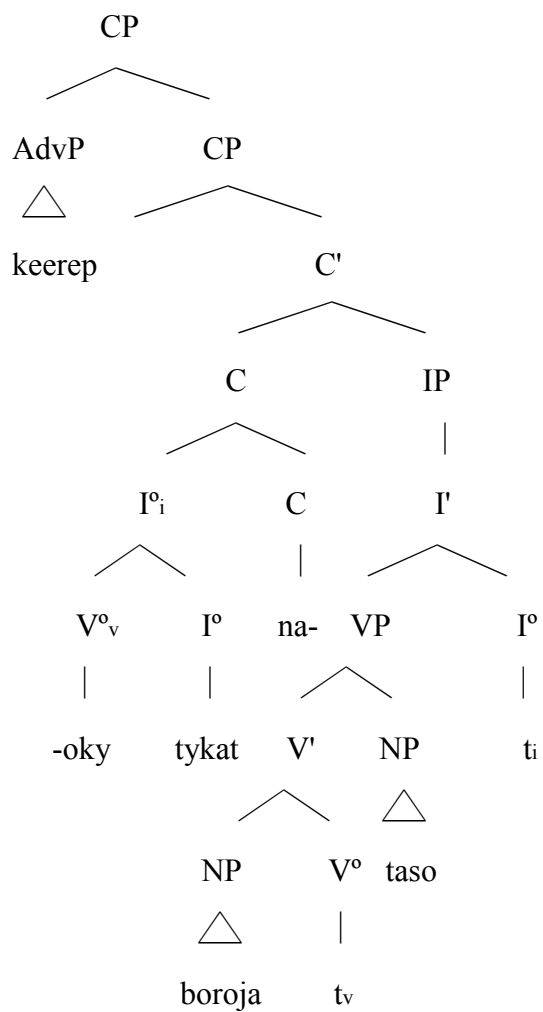
exemplo e estrutura (19) ou na posição final da sentença (advérbio adjunto a CP a direita<sup>7</sup>)  
 exemplos e estruturas (20) e (21):

18. Naoky tykat keerep boroja taso

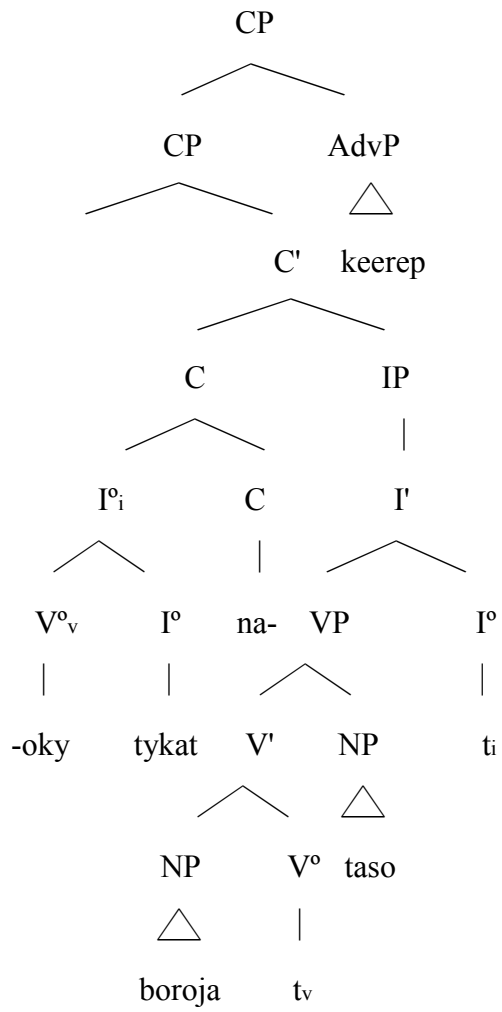


<sup>7</sup> No CP o advérbio pode se adjungir à esquerda (25) ou direita (26), enquanto que nas outras projeções máximas ele só pode se adjungir a esquerda (cf. Storto 1999).

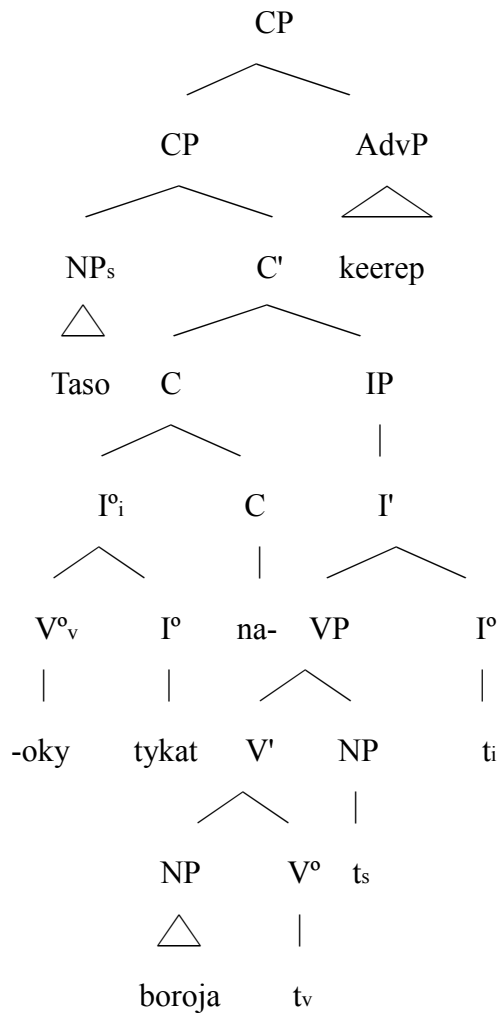
19. Keerep naoky tykat boroja taso



20. Naoky tykat boroja taso keerep

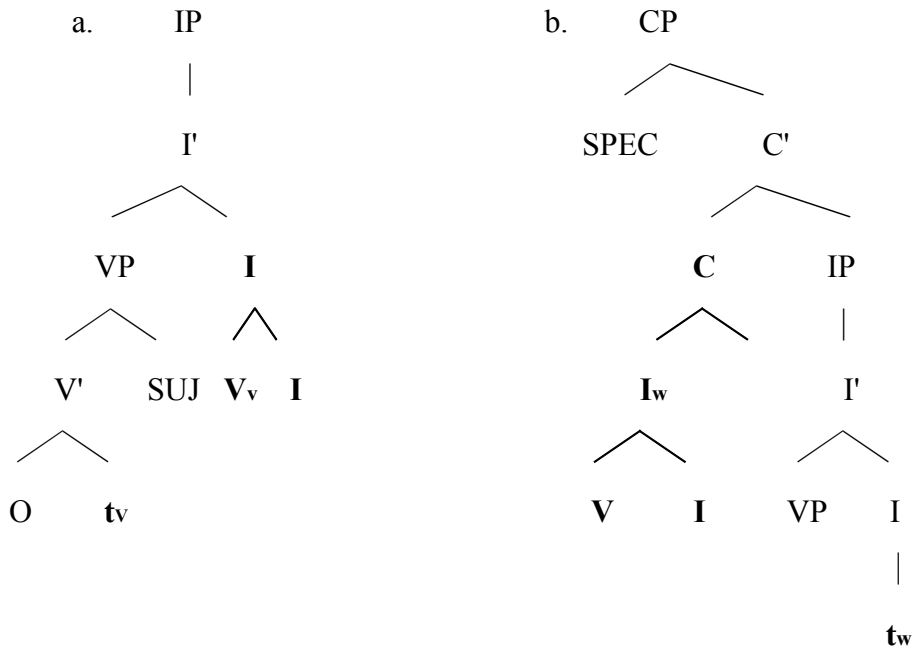


21. Taso naoky tykat boroja keerep.



Como podemos observar nos dados acima, da estrutura (18) à (21), o auxiliar imperfeito *tykat* não ocupa uma posição dentro do IP. Para Storto (1999) quando o verbo passa por IP, ele forma um núcleo complexo com o item gerado em I<sup>o</sup> (estrutura (22a), abaixo), e é todo esse núcleo complexo que se move para o núcleo de CP (estrutura (22b), abaixo). Assim, nenhum item aparece entre o verbo e o auxiliar:

22.



Logo, sentenças como (23) e (24) abaixo são agramaticais pois o advérbio não pode estar entre o verbo principal e o auxiliar, pois eles formam um único constituinte:

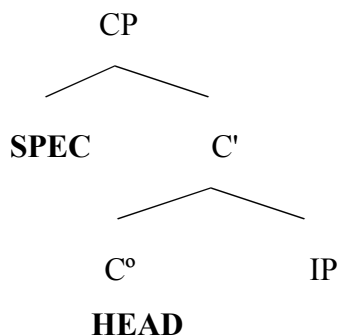
23. \*Taso naoky **keerep** tykat boroja

24. \*Naoky **keerep** tykat taso boroja

Além da restrição apontada acima, Storto (1999) aponta mais uma posição não permitida para advérbios, que é entre o sujeito movido para a primeira posição da sentença e o verbo. A autora justifica a agramaticalidade de sentenças deste tipo, exemplos (25) e (26) abaixo, como uma violação da relação estrutural mantida entre o sujeito e o verbo (ambos movidos) que ao ocupar a posição de especificador do CP e núcleo do CP, respectivamente, estão na chamada configuração spec-head, apontada na estrutura (27).

25.	*Taso <b>kandat</b> naokyt boroja
26.	*Taso <b>keerep</b> naoky tykat boroja.

## 27. Configuração spec-head:



Nesta relação spec-head, como podemos observar acima, temos uma projeção intermediária (C') e esta não sendo uma projeção máxima não está apta a adjunções.

Assim, como outros quantificadores *kandat* 'muito' e *keerep* 'sempre' aparecem nas mesmas posições que os advérbios e são aptos a selecionar o argumento evento da sentença<sup>8</sup> podemos chamá-los de Quantificadores-A (cf. proposto em Partee *et al.*, 1987).

Embora exista esta possibilidade de variação na posição do advérbio, Sanchez-Mendes (2008) aponta que estes itens, independente do local onde estão alocados no interior da sentença, atuam sempre sobre o verbo, quantificando sobre eventos de forma não redundante com os marcadores pluracionais.

Assim, sentenças com *kandat*, por exemplo, a autora conclui que a referência a muitas entidades é sempre uma possibilidade enquanto que a leitura de muitos eventos é uma obrigatoriedade, vejamos o seguinte exemplo e os contextos apropriados para o seu uso em (28) abaixo:

---

8 Sanchez-Mendes(2008) aponta que os quantificadores Adverbiais em Karitiana sempre operam sobre o argumento evento da sentença, e em alguns casos de leitura em que os argumentos parecem estar quantificados são na verdade frutos indiretos da quantificação do evento verbal, a qual ao imprimir na sentença uma iteratividade ou pluralidade permite leituras plurais dos nominais.

28.	Sojxaaty kyynt nakapon taso kandat.				
	Sojxaaty	kyynt	ø-naka-pon-ø	taso	kandat
	queixada	em	DECL-atirar-NFUT	homem	muito
	‘Um número indefinido de homens atirou em um numero indefinido de queixadas muitas vezes’ (Sanchez-Mendes, 2008)				

Contextos apropriados:

‘Os homens atiraram nas queixadas muitas vezes’

‘Muitos homens atiraram nas queixadas muitas vezes’

‘Os homens atiraram em muitas queixadas muitas vezes’

‘Muitos homens atiraram em muitas queixadas muitas vezes’

Porém, como apontado, contextos nos quais os argumentos seriam quantificados enquanto que o evento denotado pelo verbo não, o uso da sentença (28) não é possível:

Contextos inapropriados:

\*‘Muitos homens atiraram uma vez nas queixadas’

\*‘Os homens atiraram uma vez em muitas queixadas’

\*‘Muitos homens atiraram uma vez em muitas queixadas’

(Sanchez-Mendes, 2008)

Já o suposto quantificador *akatyym* 'todos' não possui este leque de possibilidades, tanto de posições quanto de leituras, tal como observamos nos exemplos abaixo (29-33):

29. Taso akatyym nasokõ'ĩt eremby

taso	akatyym	ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby
homem	todos	3-decl-amarrar-nfut	rede

'Todos os homens amarraram a rede'

\*'Os homens amarraram todas as redes'

\*'Todos os homens amarraram todas as redes.'



30. Taso nasokõ'it eremby akatyym

taso	ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby	akatyym
homem	3-decl-amarrar-nfut	rede	todos

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

'\*Todos os homens amarraram as redes'

'\*Todos os homens amarraram todas as redes'.

No exemplo (29), a única leitura possível é 'todos os homens amarraram as redes', pois o *akatyym* só pode quantificar o nominal imediatamente á sua esquerda *taso* 'homem', da mesma maneira que em (30), o *akatyym* só pode quantificar o nominal imediato a sua esquerda *eremby* 'rede', e assim o leque de leituras atestado com os quantificadores *keerep* e *kandat* não são possíveis. É importante lembrar que o exemplo (29) também nos traz uma evidência de antemão: *akatyym* não pode pertencer ao mesmo grupo que *kandat* e *keerep*, simplesmente porque ele pode ocupar uma posição proibida para advérbios (de (25) à (27)): entre o sujeito e o verbo movidos para o início da sentença.

Agora vamos observar outras ordens e combinações em sentenças com *akatyym*.

31. \*Akatyym nasokõ'it eremby

akatyym	ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby
todos	3-decl-amarrar-nfut	rede

'Todos amarraram a rede'

32. \*Akatyym taso nasokõ'it eremby

akatyym	taso	ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby
todos	homem	3-decl-amarrar-nfut	rede

'Todos os homens amarraram a rede'

33. \*Taso nasokõ'it akatyym eremby

taso	ø-na-sokõ'ĩ-t	akatyym	eremby
homem	3-decl-amarrar-nfut	todos	rede

'Todos os homens amarraram a rede'

No exemplo (31), *akatyym* aparece em uma posição argumental típica de sujeito sem o NP sobre o qual poderia/deveria incidir. A agramaticalidade deste sentença nos aponta as seguintes informações: *akatyym* não pertence à categoria dos nominais e não pode ocupar uma posição de argumento quando está sem um nominal.

Já em (32) e (33) ao tentarmos outras possíveis posições para *akatyym* na sentença o que resulta são sentenças agramaticais. No exemplo (32), mesmo existindo os dois nominais, *taso* 'homem' e *eremby* 'rede' nas posições argumentais, a sentença continua agramatical, reforçando a idéia de que *akatyym* possui uma forte restrição na sua posição dentro da sentença – isto é, ele só deve ocorrer em uma posição item quantificado. E por fim, no exemplo (33), a sentença sendo agramatical estando *akatyym* à direita de um verbo e, sabendo que *akatyym* só pode operar sobre o constituinte imediatamente à sua esquerda” concluímos que não apenas ele possui restrição quanto à sua posição, mas também quanto o tipo de item sobre o qual ele pode operar. Concluímos que esse item não forma constituinte com categorias não-nominais, pois como observado nos exemplos gramaticais em (29) e (30) *akatyym* só pode selecionar nominais.

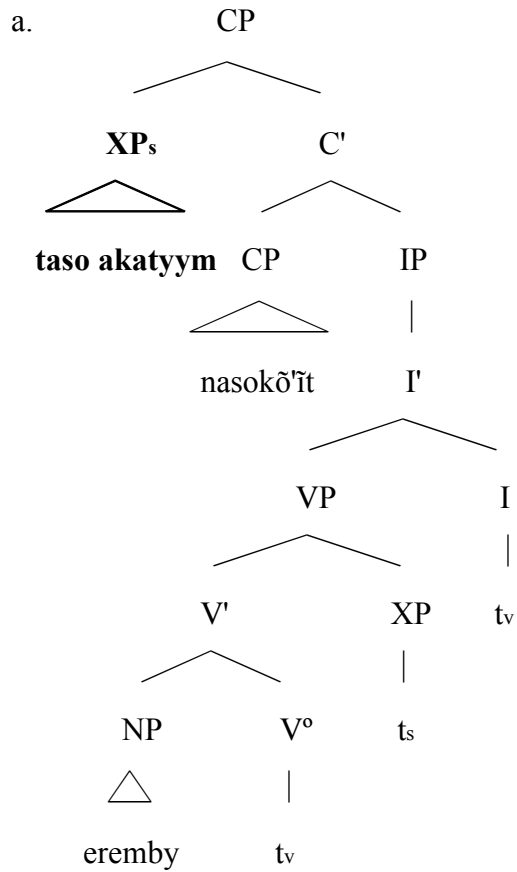
Assim, como demonstrado acima, *akatyym* 'todos' tem algumas restrições que se mostram interligadas: *akatyym* só pode operar sobre o constituinte que aparece imediatamente à sua esquerda e esse constituinte tem que ser do tipo [+nominal]; o uso deste item lexical fora destas condições só se realiza em alguns casos bens restritos, que são tratados mais adiante na seção 1.8, os quais aparentam apresentar movimento de partes dos constituintes formados com *akatyym*.

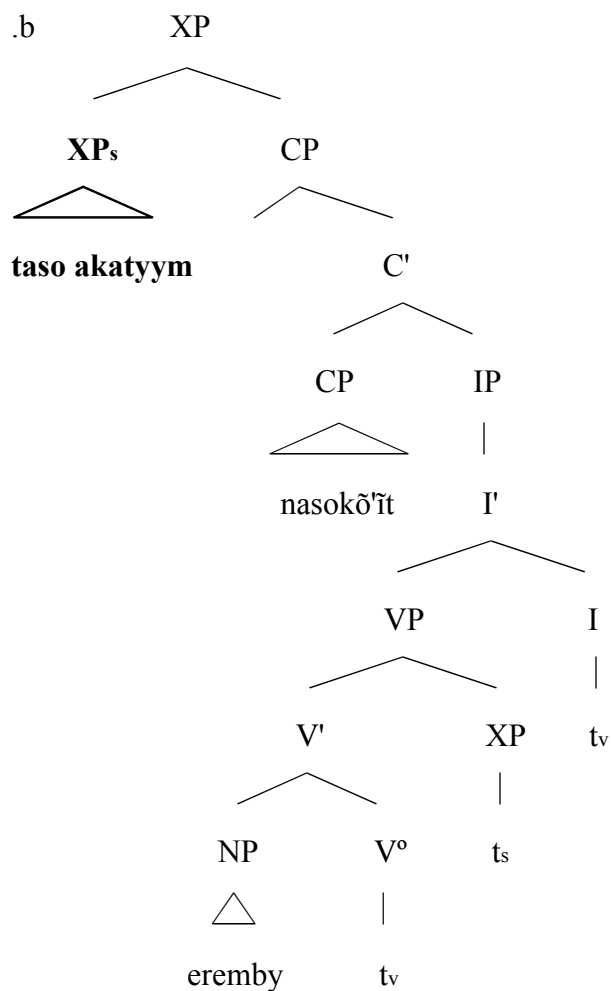
### 1.5 A distribuição dos quantificadores em Karitiana

O exemplo (29) também pode nos dar uma pista sobre a natureza de *akatyym*, pois levando em conta o movimento de nominais para a primeira posição da sentença (sentença

e estrutura no exemplo (21)) e a restrição de adjunção entre o sujeito em spec de CP e o verbo movido para o núcleo de CP (exmplos (25) e (26)) podemos imaginar duas possibilidades: que *taso+akatyym* formam um único constituinte nesta posição, estrutura. (34.a), ou ocupa uma outra posição argumental na sentença [nota] (34.b), vejamos:

34. Taso akatyym nasokõ'it eremby





Conforme observado até o momento (exemplos (29) e (30)), *akatyym* só pode ser pós-nominal e sua operação quantificacional só tem escopo sobre o nominal localizado imediatamente à sua esquerda<sup>9</sup>:

35. taso akatyym  
homem 'todas' cf. ex. (29)

36. eremby akatyym  
rede 'todas' cf. ex. (30)

Tal comportamento sugere a seguinte estrutura para este suposto quantificador:

<sup>9</sup> Outras possibilidades do suposto quantificador *akatyym* serão analisadas na próxima seção.

### 37. NP + *akatyym*

Ou melhor:

### 38. [<sub>XP</sub> [<sub>NP</sub> N] <sub>x</sub>]

Como podemos perceber, *akatyym* não possui as características dos quantificadores em Karitiana, os quais são estritamente adverbiais na maneira em que se adjungem sintaticamente. Isto sugere, portanto, que existam duas classes de 'quantificadores' em Karitiana os adverbiais de um lado e o *akatyym* do outro.

## 1.6 *Akatyym versus kandat e keerep*

Como foi colocado na seção 1.2.1, até o final dos anos 80, os estudos lingüísticos – baseados na tradição filosófica – direcionavam suas pesquisas sobre quantificação nos itens que atuavam principalmente sobre entidades, ou seja nominais. Porém, a partir de Lewis (1975) outros tipos de quantificadores passaram a ser – de pouco em pouco – contemplados pelos estudos lingüísticos e filosóficos. Assim, itens como: advérbios, afixos verbais, verbos auxiliares e estruturas compostas (entre outros itens) passaram a ser contemplados pelos trabalhos sobre quantificação<sup>10</sup>.

Bach . (1995) colocam que palavras e expressões podem ter funções quantificacionais bem próximas, porém ter um comportamento diferente em relação a:

- (v) o tipo de constituinte que podem (ou devem) operar

---

<sup>10</sup> Podemos tomar como referência dessa preocupação que visa uniformizar a descrição e análise de palavras e expressões que exercem ou possuem operação de natureza quantificacional os trabalhos que resultaram no livro 'Quantification in Natural Languages'. Ao observarmos a literatura acerca da quantificação nas línguas naturais, podemos perceber que o objeto de estudo dos semanticistas e lógicos formais foi reformulado, e a partir da década de 90, praticamente todos os trabalhos de grande impacto acerca da quantificação passaram a (re)considerar outras formas de quantificar em seus trabalhos, além das bem-estudas pelas tradição (sabidamente a quantificação sobre nominais).

- (vi) o comportamento sintático
- (vii) o escopo
- (viii) a seleção ou não de um determinado constituinte.

Ao observar as descrições e (pré)análises realizadas até o momento acerca dos quantificadores *kandat* 'muito' e *keerep* 'sempre' e de *akatyym* 'todos', podemos sumarizar:

*Kandat* 'muito':

- i. segundo Mendes-Sanchez (2008) quantifica sempre sobre eventos verbais;
- ii. Pode se adjungir a VP, IP e CP;
- iii. independentemente de onde se adjunge, sempre tem escopo sobre a sentença e
- iv. não seleciona nominais.

*Keerep* 'sempre':

- i. segundo Mendes-Sanchez (2008) quantifica sempre sobre eventos verbais;
- ii. Pode se adjungir a VP, IP e CP;
- iii. independentemente de onde se adjunge, sempre tem escopo sobre a sentença e
- iv. não seleciona nominais.

*Akatyym*:

- i. apenas opera com nominais
- ii. sempre acompanha um nominal em posição argumental;
- iii. tem escopo local e
- iv. pode selecionar qualquer nominal em posição argumental.

Tal Tratamento de *akatyym* até o momento (traduzido até então por 'todo(s)'), analisado frente à proposta de Bach *et al.* (1995), que dicotomiza os quantificadores entre os adverbiais e os determinantes, sugere que esse item seja um quantificador-D. Porém, como veremos a seguir uma outra hipótese se mostra mais promissora.

Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) propõem que *akatyym* na verdade não é um quantificador, mas uma expressão formada por um argumento, um verbo e uma partícula subordinadora:

39. ARG aka-tyym  
ARG aux-sub

Como desenvolvimento dessa proposta, Coutinho-Silva (2006) apresenta paralelos com outras estruturas, trazendo exemplos da língua Karitiana – a fim de checar a possibilidade de se tratar *akatyym* como algo composto (um sentença, por exemplo).

Para discutir esta possível hipótese de tratar *akatyym* como uma sentença, iremos inicialmente, apresentar os diversos usos das pretenças partes de *akatyym*: o verbo *aka-* (ser/ estar) e em seguida, o item *tyym* é observado na língua em diversos casos: com função de 'também', como 'subordinador ('então', 'quando' e 'se')' e em um caso especial que combinado com outra partícula, pode ser traduzido como '(o) mesmo'.

### **1.7 Uma morfossintaxe para *akatyym***

Como já apontado, Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) propõem que *akatyym* na verdade não é um quantificador, mas uma expressão formada por um argumento, um verbo e uma partícula subordinadora (exemplo (39) repetido abaixo como (40)):

40. ARG aka-tyym  
ARG aux-sub

As próximas seções avaliam os usos encontrados na língua para os itens que participam na construção morfossintática proposta em (40).

### 1.7.1 *Aka* – verbo?

Como podemos observar nos exemplos a seguir, *aka* é um auxiliar utilizado como cópula (exemplos de (41) até (43)), ou como auxiliar junto a sentenças finitas – e, no caso, é ele quem recebe as flexões de tempo e concordância (exemplos (44), (45) e (46)).

*Aka* como cópula:

#### 41. Inácio na-aka-t y-sat

Inácio     $\emptyset$ -na-**aka**-t        y-sa-t  
I.        3-decl-**aux**-nfut    1s-nome.conc.abs

'Meu nome é Inácio' (Storto, dic.)

#### 42. Õwã naakat ipyhiridnat.

õwã         $\emptyset$ -na-**aka**-t        i-pyhiridna-t  
menino    3-decl-**aux**-nfut    part-rápido-conc.abs

'O menino é rápido'

#### 43. João naakat sara'idnat

João     $\emptyset$ -na-**aka**-t        sara'idna-t  
J.        3-decl-**aux**-nfut    Cansado-conc.abs

'O João está cansado'

'*Aka*' Como auxiliar:

#### 44. 'ejepo (naakat) i'ot

'ejepo    ( $\emptyset$ -na-**aka**-t)        i-'o-t  
pedra    3-decl-**aux**-nfut    part-cair-conc.abs

(A) pedra caiu.

#### 45. João (naakat) ipon sojxaaty kyn

J.    ( $\emptyset$ -na-aka-t)        i-pon- $\emptyset$                 sojxaaty    kyn  
J.    3-decl-**aux**-nfut    part-atirar-conc.abs    queixada    posp

João atirou na queixada.



Até mesmo em sentença em que o *aka* seria uma cópula, ele pode aparecer como verbo auxiliar:

46. [Y'it 'ipi'y] naakat ty y iakat

y'it	'ip<i>'y	na- <b>aka</b> -t	tyy	i- <b>aka</b> -t
1-filho	peixe-VH-comer	decl- <b>aux</b> -nfut	alto	part- <b>ser</b> -nfut

'(Aquele) meu filho que comeu o peixe é alto'

Além disso, *aka* é encontrado na estruturas demonstrativas (47-49) (as quais serão tratadas no Capítulo 2 adiante):

47. Dibm nakatari [ony taso **aka**]

dibm	∅-naka-tat-i	ony	taso	aka
amanhã	3-decl-ir-fut	aquele	homem	?

'Aquele homem irá amanhã'

48. [Ony sojxaaty **aka**] kyn nakapon João

ony	sojxaaty	aka	kyn	∅-naka-pon-∅	João
aquele	porco	?	em	3-decl-atirar-nfut	João

'João atirou naqueles porcos (visível)'

49. [Ma sojxaaty **aka**] kyn nakapon João

ma	sojxaaty	aka	kyn	∅-naka-pon-∅	João
aquele	porco	?	em	3-decl-atirar-nfut	João

'João atirou naqueles porcos (em movimento)'

Como observados nos exemplos (41-46) *aka* é um verbo. O que corrobora essa afirmação é a presença de morfologia de tempo e concordância junto a este item. Storto (2008) descreve estas construções onde a cópula *aka* seleciona um complemento oracional na forma de uma mini-orção que tem como núcleo um nome, um adjetivo nominalizado ou um verbo intransitivo nominalizado, exemplos do (36) ao (39). Desta maneira, o núcleo nominal, adjetival ou verbal da mini-orção é o predicador, aquele que seleciona

semanticamente o argumento que se torna sujeito da oração. A nominalização se dá via adição do prefixo *i-*, glosado como participio por Storto (1999). A minioração nominalizada é marcada pelo sufixo *-t/-o* que a autora descreve como concordância absoluta. Ela chama estas construções de sentenças copulares.

As únicas funções deste item (*aka*) listadas fora destes contextos em que ele aparece certamente como um verbo são nas estruturas dos demonstrativos, exemplos de (47) até (49) e nas 'construções quantificacionais' (*akatyym*).

Levando em conta o comportamento do *aka* nos exemplos até agora apontados (exemplos (31) até (49)), duas possibilidades parecem plausíveis: a do '*aka* ser um verbo em todos os contextos em que aparece, ou talvez, ser um verbo em apenas alguns contextos, e tendo em vista os exemplos de demonstrativos, o *aka* poderia também ser um Determinante (cf. Storto (1999)) – o que no caso apontaria a existência de dois itens *aka* homofônicos, mas com funções diferentes (essa última possibilidade será descartada ao tratarmos da estrutura dos demonstrativos mais adiante no capítulo 2).

### **1.7.2 *Tyym* – partícula subordinadora**

Já o item '*tyym*' parece possuir diversas funções, as quais aparentam ser subdivisões de dois grandes grupos: por um lado, opera anexado aos verbos, com função de conectivo entre sentenças, adicionando a estes muitas vezes, informações aspectuais e temporais; por outro, aparece ligado aos argumentos nominais atribuindo a eles a noção de inclusão ou identidade.

Como conectivo sentencial, podemos observar os seguintes exemplos:

50. Yn nasokō'ĩ tyym ataotam

yn    ø-na-sokō'ĩ    tyym    a-ta-otam-ø  
1s    3-decl-amarrar    conec.imp    2s-decl-chegar-nfut

'Eu estou amarrando e você chega'

51. [A-yry tyym] yjxa naokyj

[a-yry    tyym]    yjxa    ø-na-oky-j  
2-chegar    conec.    1pp.incl    3-decl-matar-fut

'Quando você chegar, nós vamos matar'

52. [A-otam tyym] yta<sup>~</sup>jyt boryt yta

[a-otam    tyym]    yta-jy-t    boryt    yta  
2-chegar    conec.    1pp.incl-?-?    sair    1pp.inc

'Se você chegasse, nós sairíamos'

Em todos os casos, como podemos observar, *tyym* aparece junto ao verbo da sentença subordinada. Como aponta Storto (1999), sentenças subordinadas em Karitiana não possuem flexão de tempo. A única projeção possível, acima de VP, nestas sentenças é AspP; e o tempo da sentença subordinada está vinculado [indiretamente ao da sentença principal] via conectivo – que relaciona aspectualmente os eventos expressados nas duas sentenças. *Tyym* provavelmente é um destes conectivos e ocupa o núcleo de AspP.

Na sentença abaixo, exemplo (53), podemos observar uma ocorrência curiosa de *tyym*. Ele ocorre numa sentença onde já existe um subordinador:

53. Aki tykiri naka'at bypitap tyym

a-ki                    tykiri    ø-naka-'a-t            bypit-a-p            **tyym**  
isto-existir (assim)    se            3-decl-fazer-nfut    longe-vblz-nmlzr    **então**

'Se a gente não faz assim, então vai ter mais morte' (Storto, ms)

Nesse caso, *tyym* parece se articular com o subordinador 'tykiri' afim de gerar uma leitura específica de implicação lógica. Também, podemos observar ocorrências de *tyym*

como:

'também':

54. Ahorot tyym tepy

ahorot	tyym	tepy
assim	também	cipó

'Assim também (é) o cipó'

55. Opok pojongo naakat ikit tyym

opok pojongo	ø-na-aka-t	i-ki-t	tyym
branco	3-decl-aux-nfut	part-existir-conc.abs	também

'Os brancos (= estrangeiros) também são gente' (Storto, dic)

56. eāsērēty tyym naka-'y-t epesap

pasērēty	tyym	ø-naka-'y-t	epesap
gafanhoto	também	3-decl-comer-nfut	folha

'O gafanhoto também come as folhas' (Storto, dic)

E como 'mesmo':

57. Tarak tarak ka-horot tatyym naakat oot 'oot

tarak tarak	ka-horot	ta-tyym	ø-na-aka-t	oot 'oot
martin pescador	este-como	3anaf-também	3-decl-aux-nfut	Socor

'O martin pescador é o mesmo (pássaro) que o socor' (Storto, dic)

Este paralelo entre *aka* e *tyym* em outros contextos parece fortalecer os indícios iniciais de Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) de que *akatyym* de fato não seja um canônico quantificador-D e sim um constituinte sentencial.

Ao tratarmos *akatyym* como uma estrutura complexa algumas questões aparecem

como:

- (i) qual o tipo de sentença é 'NP+*akatyym*'?
- (ii) como a relação se dá estruturalmente entre o nominal e a 'sentença' *akatyym* a fim do resultado ser algo de natureza argumental?

(iii) como essa sentença gera uma leitura similar a quantificação Universal?

As próximas sessões têm como objetivo, desenvolver uma análise para *akatyym* a fim de responder as três perguntas acima. Nossa hipótese inicial é de que este item seja um sentença relativa (um tipo específico de subordinação) que pode gerar uma leitura semântica idêntica a de um quantificador Universal.

### 1.8 Outras possibilidades do uso do *akatyym* 'todos'

Além dos exemplos gramaticais envolvendo o suposto quantificador *akatyym* apontados nos exemplos (29) e (30), repetidos abaixo como (58) e (59) – os quais chamaremos de posições *default* argumentais –, também podemos encontrar em Karitiana outras estruturas envolvendo o item lexical *akatyym*, as quais chamarei de movimento do constituinte completo, exemplos (60) e (61) e movimento de parte do constituinte, exemplos (62) e (63):

a) argumentos quantificados em posição *default*:

58. Nasokō'it eremby taso akatyym

∅-na-sokō'ĩ-t	eremby	taso	akatyym
3-decl-amarrar-nfut	rede	homem	todos

'Todos os homens amarraram a rede'

59. Nasokō'it eremby akatyym taso

∅-na-sokō'ĩ-t	eremby	akatyym	taso
3-decl-amarrar-nfut	rede	todos	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

b) Movimento do constituinte completo:

60. **Taso akatyym** nasokō'it eremby

taso	akatyym	∅-na-sokō'ĩ-t	eremby
homem	todos	3-decl-amarrar-nfut	rede

'Todos os homens amarraram a rede'

61. **Eremby akatyym** nasokō'īt taso

eremby	akatyym	ø-na-sokō'ĩ-t	taso
rede	todos	3-decl-amarrar-nfut	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

c) Movimento de parte do constituinte:

62. **Taakatyym** nasokō'īt eremby taso

ta <sub>1</sub> -akatyym	ø-na-sokō'ĩ-t	eremby	taso <sub>1</sub>
eles-todos	3-decl-amarrar-nfut	rede	homem

'Todos os homens amarraram a rede'

63. **Iakatyym** nasokō'īt eremby taso

i <sub>2</sub> -akatyym	ø-na-sokō'ĩ-t	eremby <sub>2</sub>	taso
elas-todas <sup>11</sup>	3-decl-amarrar-nfut	rede	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

Em (60) e (61), podemos observar que os constituintes completos *taso akatyym* 'todos os homens' e *eremby akatyym* 'toda(s) (a) rede(s)', respectivamente, se moveram para a primeira posição da sentença. Estes exemplos de *akatyym* 'todo' parecem corroborar a idéia de que esse suposto quantificador só seleciona argumentos nominais, o que poderia sugerir sua classificação como quantificador-D (cf. Partee . 1987), diferente dos quantificadores como *keerep* 'sempre' e *kandat* 'muito'. Além disso, o nominal movido foi justamente aquele que está sofrendo o efeito quantificacional de *akatyym*. Desta maneira, podemos imaginar o seguinte movimento do constituinte NP+*akatyym* (cf. as estruturas em (34a) e (34b), página 19:

60'. **[Taso akatyym]<sub>3</sub>** nasokō'īt eremby t<sub>3</sub>

taso	akatyym	ø-na-sokō'ĩ-t	eremby	ø
homem	todos	3-decl-amarrar-nfut	rede	tr.

'Todos os homens amarraram a rede'

11 Em Karitiana não há concordância de gênero, e esse recurso foi utilizado na glossa como meio de reforçar a ligação entre o argumento interno do verbo (*eremby* 'rede') e o *iakatyym*. Essa ligação é estabelecida pela forma 'i' que possui direcionamento para o anti-sujeito, como será esmiuçado mais adiante.

61'. [Eremby akatyym]<sub>4</sub> nasokõ'it t<sub>4</sub> taso

eremby	akatyym	ø-na-sokõ'ĩ-t	ø	taso
rede	todos	3-decl-amarrar-nfut	tr.	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

Como já vimos anteriormente, Karitiana é uma língua cujos nominais podem permanecer na posição onde supostamente foram gerados na estrutura profunda e nominais em relação de concordância com o verbo movido podem ocupar a primeira posição da sentença, supostamente no spec de CP – fato corroborado pela possibilidade de adjunção a uma posição mais a esquerda (adjunção a projeção máxima CP) e de proibição de adjunção entre este nominal movido para a primeira posição e o verbo no núcleo de C – devido a relação espec-head. Porém, o movimento que observamos em (60') e (61') não pode ser da mesma natureza dos outros sujeitos movidos para a primeira posição da sentença, pois como podemos observar, enquanto em (58') o que foi movido (*taso akatyym*) necessariamente tem que ser o sujeito da sentença e, já em (59') o que foi movido (*eremby akatyym*) necessariamente tem que ser o objeto da sentença. Logo, NP+*akatyym* quando movido para a primeira posição (na estrutural superficial) da sentença ocupa alguma posição estruturalmente acima do CP (cf. estrutura (b), exemplo 34, página 19), e o movimento para esta posição pode ser resultado de um movimento aberto para um posição de checagem em forma lógica.

Já em (62) e (63) *akatyym* aparece na primeira posição sentencial separado dos nomes que quantifica, enquanto esses permanecem *in situ*. A relação de *akatyym* com *taso* 'homem' e *eremby* 'rede' é estabelecida através das partículas *ta-* e *i-*, respectivamente. Dada a possibilidade de movimento de uma única parte destes constituintes (NP+*akatyym*), podemos concluir que estas sentenças possuem o seguinte movimento, exemplo (62') e (63'):

62'. [Taakatyym]<sub>6</sub> nasokō'īt eremby [taso t<sub>6</sub>]

ta <sub>1</sub> -akatyym	∅-na-sokō'ĩ-t	eremby	taso <sub>1</sub>
eles-todos	3-decl-amarrar-nfut	rede	homem

'Todos os homens amarraram a rede'

63'. [Iakatyym]<sub>7</sub> nasokō'īt [eremby t<sub>7</sub>] taso

i <sub>2</sub> -akatyym	∅-na-sokō'ĩ-t	eremby <sub>2</sub>	taso
elas-todas <sup>12</sup>	3-decl-amarrar-nfut	rede	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

### 1.9 Que tipo de sentença é NP+akatyym?

Chierchia (2000) aponta que uma oração relativa mais o núcleo nominal constituem um sintagma nominal e podem por isso ocorrer nas posições canônicas em que são possíveis as ocorrências de sintagmas nominais. Ao observarmos os exemplos apresentados até o momento (em especial os exemplos (53-56), logo acima) parece não haver dúvida de que *akatyym* seleciona um argumento nominal e com ele forma um constituinte único, o qual também parece ser nominal. Quanto aos exemplos (57) e (58), acreditamos que podem ser analisados da mesma forma, adicionando alguns detalhes previstos nas teorias correntes acerca de sentenças relativas.

Para (62) e (63) que chamamos de 'movimento de parte do constituinte', podemos observar os seguintes fatos: os argumentos verbais estão preenchidos em suas posições *default* e *taakatyym* e *iakatyym* não podem ser meros adjuntos sentenciais ou nominais. Se eles fossem adjuntos sentenciais, poderiam se adjungir a qualquer projeção máxima gerada em sentenças temporais (no caso, VP, IP e CP), como outros adjuntos e advérbios, por exemplo *kandat* (4-6) e *keerep* (10-13), o que não acontece, como aponta os exemplos (64) e (65) abaixo. Se fossem adjuntos nominais, não permitiriam a extração da relativa como

12 Em Karitiana não há concordância de gênero, e esse recurso foi utilizado na glosa como meio de reforçar a ligação entre o argumento interno do verbo (*eremby* 'rede') e o *iakatyym*. Essa ligação é estabelecida pela forma 'i' que possui direcionamento para o anti-sujeito, como será esmiuçado mais adiante.



será apontado a seguir.

64. \*Nasokõ'it **taakatyym** eremby taso

ø-na-sokõ'ĩ-t	ta <sub>1</sub> -akatyym	eremby	taso <sub>1</sub>
3-decl-amarrar-nfut	todos-eles	rede	homem

'Todos os homens amarraram a rede'

65. \*Nasokõ'it **iakatyym** eremby taso

ø-na-sokõ'ĩ-t	i <sub>2</sub> -akatyym	eremby <sub>2</sub>	taso
3-decl-amarrar-nfut	elas-todas <sup>13</sup>	rede	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

Além dos casos em que parte do constituinte (*taakatyym* ou *iakatyym*) são movidos para a primeira posição da sentença (62) e (63), também podemos observar apenas mais uma posição que estes itens podem ocupar (estando com *ta-* e *-i*) que é a sua posição *default*, estando o complexo nominal todo *in situ*, exemplos de (66) à (68):

66. **Nasokõ'it eremby taso taakatyym**

ø-na-sokõ'ĩ-t	eremb <sub>2</sub>	taso <sub>1</sub>	ta <sub>1</sub> -akatyym
3-decl-amarrar-nfut	rede	homem	todos-eles

'Todos os homens amarraram a rede'

67. Nasokõ'it taso eremby **iaakatyym**

ø-na-sokõ'ĩ-t	taso <sub>1</sub>	eremby <sub>2</sub>	i <sub>2</sub> -akatyym
3-decl-amarrar-nfut	homem	rede	elas-todas

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

68. ?Nasokõ'it eremby **iaakatyym** taso

ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby <sub>2</sub>	i <sub>2</sub> -akatyym	taso <sub>1</sub>
3-decl-amarrar-nfut	rede	elas-todas	homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

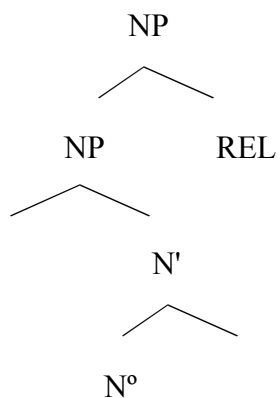
---

13 Em Karitiana não há concordância de gênero, e esse recurso foi utilizado na glossa como meio de reforçar a ligação entre o argumento interno do verbo (*eremby* 'rede') e o *iakatyym*. Essa ligação é estabelecida pela forma 'i' que possui direcionamento para o anti-sujeito, como será esmiuçado mais adiante.

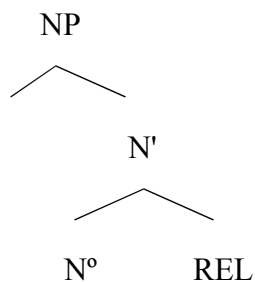
A partir dos últimos exemplos apresentados, proponho a seguir qual seria a estrutura do *akatyym* no caso em que aparece combinado com um nominal; os casos onde aparece *ta+akatyym* e *i+akatyym*, estão representados em (1.9).

Se *akatyym* seleciona um argumento nominal e com ele formam um outro elemento nominal, podemos imaginar as seguintes estruturas possíveis:

69. Relativa adjungida ao Nominal:

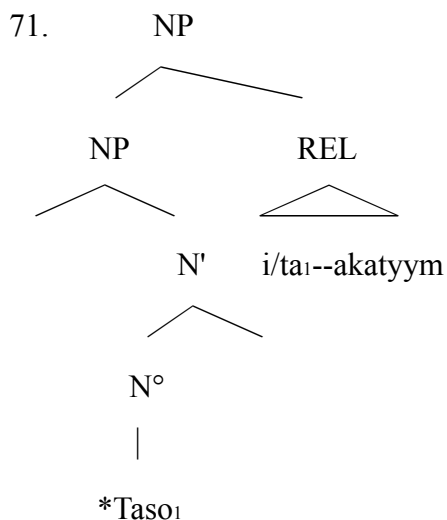


70. Relativa Complemento do Nominal:



Ao avaliarmos os dados apresentados até aqui, a estrutura (70) se apresenta como uma melhor alternativa analítica do que a estrutura (69), pelo fato de que se *akatyym* fosse uma adjunção ao NP haveria dois grandes problemas acerca da ligação entre o nominal

núcleo e os pronominais ligados a ele, pois não haveria condições necessárias de controle dos sujeitos acessíveis (*taso* 'homem' no exemplo abaixo) sobre itens *i-* ou *ta-* e a acessibilidade destes ao sujeito estaria comprometida, como vemos abaixo em (71):



Para a ligação ocorrer com sucesso, nesta relação de co-denotação, o sujeito acessado por *i-* ou *ta-* precisa estar ocupando necessariamente uma posição hierárquica superior à do pronominal com o qual co-denota, como veremos a seguir<sup>14</sup>.

Antes de avaliar qual estrutura é mais viável no que diz respeito à adequação descritiva e teórica, faremos um breve levantamento sobre o tratamento de sentenças relativas em Karitiana.

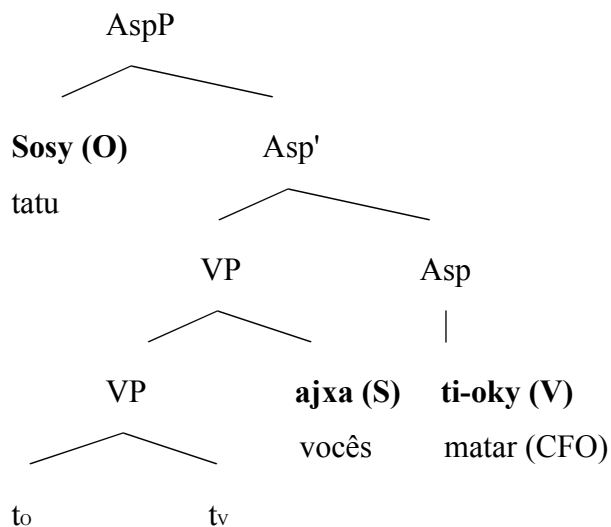
### 1.10 Relativas em Karitiana

Storto (1999) argumenta que há pelo menos dois tipos de sentenças relativas em Karitiana: as de núcleo interno (72) e as de núcleo externo (73). A autora argumenta que a existência destes dois tipos de relativas é confirmada pelo seguinte fato: com verbos que marcam seu objeto com a marca de oblíquo, podemos ter a marca tanto no objeto da

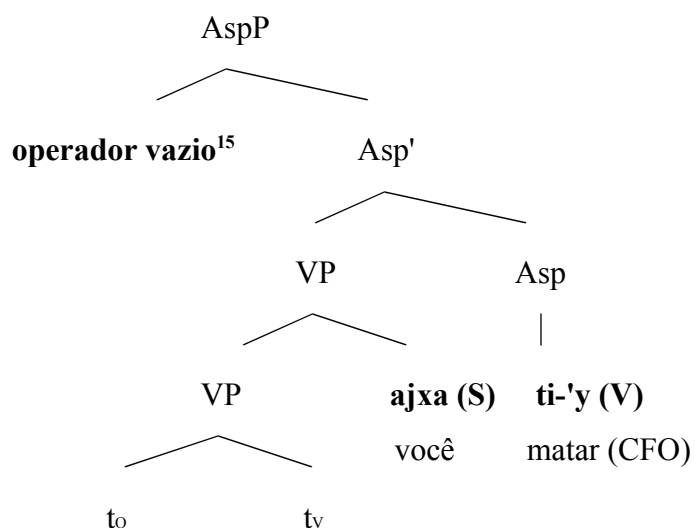
<sup>14</sup> Mais adiante no capítulo dois, trataremos em maior detalhe estas questões envolvendo *binding theory*.

principal (sujeito da relativa) quanto na relativa inteira, que é o caso do núcleo externo (72), ou só na relativa, que é o caso das relativas com núcleo interno (73).

72. Relativa de núcleo interno:



73. Relativa com núcleo externo:



15 Para Storto 1999, esse operador tem como função intermediar a relação direta, visivelmente observável entre o NP da sentença matriz e a sentença relativa. Assim, o operador (dentro da relativa) e o NP relativizado (na sentença matriz) possuem o mesmo index.

A estrutura básica das sentenças relativas é exatamente igual àquela apontada como estrutura sintática para língua Karitiana (exemplo (16) página 10). Porém, como aponta Storto (1999) as sentenças subordinadas (incluindo as relativas) não recebem marcas de tempo e concordância, projetando apenas uma categoria funcional: AspP (Aspect Phrase), local para onde o verbo se move formando um núcleo complexo<sup>16</sup>. Os exemplos (74) e (75) são exemplos com movimento do objeto para a periferia esquerda da sentença, e nestes casos o verbo recebe a marca **ti-** que aparece apontando a existência de foco no objeto.

74. Ypyso'ooton yn sosy ajxa tiokyty mynda

y-py-so'oot-on	yn	[soty	ajxa	ti-oky]-ty	mynda
1s-assert-??-nfut	1s	tatu	2p	CFO-matar-obl	lentamente
'Eu gradualmente vi o tatu que vocês mataram'					
'Eu gradualmente vi vocês matarem o tatu' (Storto, 1999)					

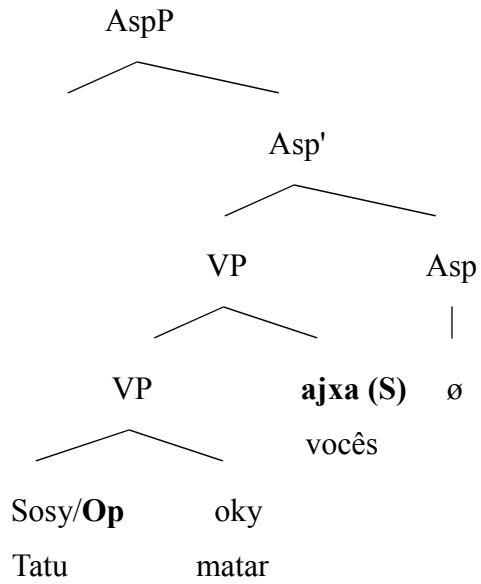
75. Ypyryohitin yn 'ipity an ti'yt

Y-pyr-ohit-in	yn	'ip-ity	[an	ti-'y]-t
1s-assert-pescar-nfut	1s	peixe-obl	2	CFO-comer-obl
'Eu pesquei o peixe para você comer'/				
'Eu pesquei o peixe que você comeu'. (Storto, 1999)				

Tanto em (74) quanto em (75) há uma coisa em comum na análise de Storto, 1999: tanto o que ela chama de relativa de núcleo interno, quanto a relativa de núcleo externo parecem possuir uma mesma estrutura profunda:

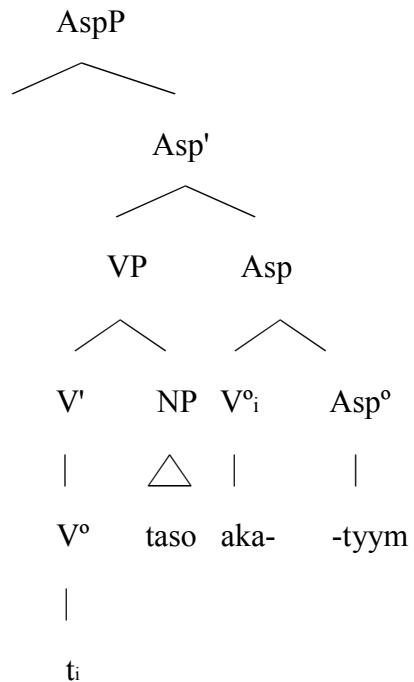
<sup>16</sup> Como já foi apontado em Storto (1999), Karitiana é uma língua que possui movimento de núcleo a núcleo, e assim formando núcleos complexos entre o 'material' movido e material local do alvo do movimento.

76.



Tomando como base as estruturas propostas em Storto (1999), exemplos (72) e (73), poderíamos sugerir que 'NP+akatyym' possui a seguinte estrutura Superficial:

77. *Taso akatyym* 'todo(s) o(s) homen(s)'



Como argumentos a favor desta estrutura podemos ressaltar o fato (de) Karitiana ser uma língua que possui movimento de núcleo a núcleo, assim o elemento movido se

funde à esquerda do elemento da posição alvo, formando assim um núcleo complexo. Esse fenômeno parece ser exatamente o observado no exemplo acima (77), onde o verbo se move para Asp, e lá se adjungindo a *tyym* – razão pela estamos analisando *tyym* como o núcleo de uma relativa.

### **1.10.1 Background acerca das sentenças relativas**

As sentenças relativas se manifestam de muitas maneiras. Segundo Downing (1978:378 apud de Vries (2002)) uma caracterização sintática universal das sentenças relativas é impossível. Isso apenas pode ser feito em termos semânticos. De acordo com Downing, existe a correferência, entre termos dentro e fora das sentenças relativas, e a asserção - a relativa é uma asserção sobre um NP relativo. Ela aponta uma outra característica mais geral, que seria a modificação, a qual de Vries não utiliza devido seu alto grau de generalidade.

De Vries acredita que duas propriedades são essenciais das sentenças relativas e elas são tanto semânticas, quanto sintáticas por natureza. Primeiro, a sentença relativa é subordinada, e segundo, a sentença relativa é conectada em torno da sentença por um constituinte pivô.

O pivô é o constituinte semanticamente compartilhado pela sentença matriz e pela sentença relativa. Essa propriedade definida é mais forte que apenas correferência. Além disso, de Vries (2002) aponta uma terceira propriedade universal das sentenças relativas, que é o fato do papel temático e do sintático que o constituinte pivô exerce na sentença relativa serem, em princípio, independentes dos papéis fora da relativa.

78. The mouse that I caught \_ yesterday was angry. (de Vries 2002:15)

'O rato que eu peguei ontem estava bravo!'

O vazio na relativa representa "mouse" e ambos possuem papéis semânticos e sintáticos independentes. Ele ainda lembra que as línguas naturais podem restringir o número de papéis temáticos internos disponíveis ao elemento pivô.

Grosu & Landman (1998) propõem que construções relativas podem ser organizadas dentro de uma escala que tem como referência a importância que os materiais internos e externos ao CP possuem na construção da significação da construção como um todo. A escala proposta por eles tem como extremos estruturas nominais simples de um lado e CPs simples do outro. Vejamos a representação disto na escala:

Tabela 1

Tipo externo			Tipo interno	
Simple XPs	Apositivas	Restritivas	Maximadoras	simples CP
1	2	3	4	5

Grosu & Landman (1998)

Sendo assim, temos em posições argumentais: (i) XPs simples, (ii) XPs com Relativas Apositivas, cujo significado é construído em sua maior parte pelo significado do XPs com pouca participação do significado da Relativa (Apositiva), (iii) XPs com relativas restritivas, cuja contribuição na denotação é simétrica entre o XP e a Relativa envolvida, (iv) Relativas Maximadoras, que não se combinam com o núcleo nominal via intersecção, mas sim recebem desse a informação do 'tipo' (*sortal*) de entidade com a qual deve operar.

Um dos primeiros trabalhos a analisar a natureza do aparente 'significado' Universal das Relativas Livres foi o de Jakobson (1995). Ela argumenta que o aparente 'significado' Universal das Relativas Livres vem do fato de que elas denotam uma entidade plural máxima (*Maximal plural entity*). Sua proposta parte da análise dos elementos relativos (os pronomes relativizadores e as 'lacunas' (*gaps*), por exemplo) como resultado de movimentos *Wh-* e algumas operações semânticas ao invés de tratá-los como NPs



comuns.

Podemos citar como exemplos deste tipo de relativa:

79. I ate *what he cooked*.

'Eu comi o que ele cozinhou'.

80. I'll read *whatever he tells me to read*.

'Eu irei ler o que ele me falou para ler'.

81. I'll read *whatever book(s) he tells me to read*.

'Eu irei ler os livros que ele me falou para ler'.

Grosu & Landman (1998) seguindo a análise de Bianchi (1995) e Kayne (1994) (entre outros) sugerem a seguinte operação de movimento para explicar as relativas que chamam de Maximadoras: o elemento relativizado é gerado dentro da relativa e é movido para Spec de CP. Desta posição, o núcleo nominal é movido para fora do CP, para uma posição no NP dominante. Assim, na estrutura superficial, o núcleo nominal é fonologicamente realizado enquanto as cópias dentro do CP relativo são fonologicamente apagadas. Grosu & Landman (1998), a partir das propostas de Carlson (1977a, 1977b) e Heim (1987) (apud Grosu & Landman 1998) apontam os seguintes mecanismos para sentenças relativas, exemplo (82), abaixo:

82. (a) Eu levei **os livros que estavam sobre a mesa**

(b) Eu levei **os livros que estavam (d many livros) sobre a mesa.**

(c) Eu levei **os livros (d many livros) that estavam (d many livros) sobre a mesa.**

Para a sentença em (82 (a)) acima, temos (82 (b)) como estrutura inicial; podemos notar que '(d many livros)' foi gerado nesta posição, enquanto que em (82 (c)) temos o que seria o movimento para Spec de CP. E é no alvo deste primeiro movimento – Spec de CP –

que o NP vai sofrer a operação de maximização.

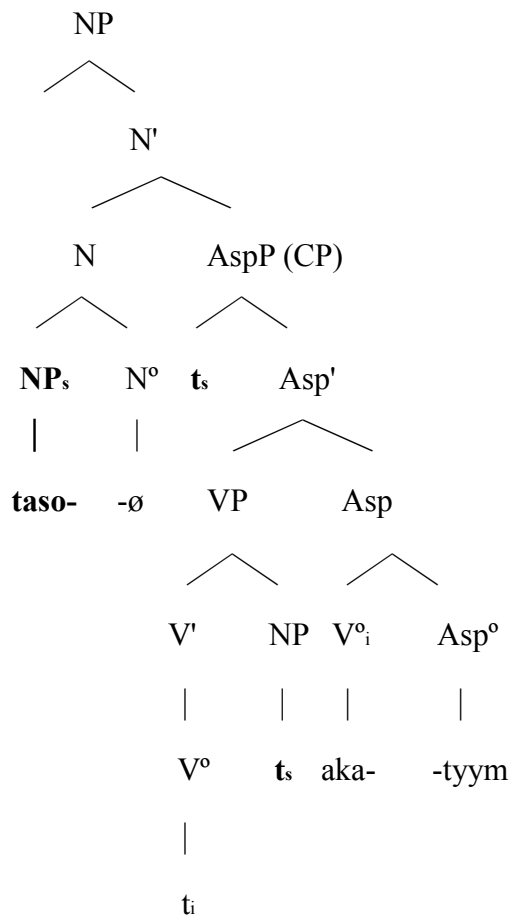
Após a operação de maximização o NP 'livros' se moveu para o núcleo de NP, as cópias '(d many livros)' do Spec de CP e da posição inicial são apagadas (deletadas), mantendo-se apenas a cabeça da cadeia dos movimentos.

A partir destas informações acerca das estruturas relativas, o que podemos falar sobre NP+*akatyym*?

### 1.10.2 Estruturas com *akatyym*

Partindo da proposta de Grosu & Landman (1998) utilizando a estrutura de NP+*akatyym*, em (77), podemos sugerir a seguintes estrutura superficial:

83. *Taso akatyym* 'todos os homens'



O que corrobora o movimento do NP para o especificador de AspP e depois para N° é a existência dos seguintes exemplos:

84. Nasokõ'it [**ony eremby akatyym**] taso

ø-na-sokõ'ĩ-t	ony	eremby	aka-tyym	taso
3-decl-amarrar-nfut	Adv[PC]	rede	aux-sub	homem

'Os homens amarraram todas aquelas redes'

85. Nasokõ'it [**eremby ony akatyym**] taso

ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby	ony	aka-tyym	taso
3-decl-amarrar-nfut	rede	Adv[PC]	aux-sub	homem

'Os homens amarraram todas aquelas redes'

86. **Ony taakatyym** nasokõ'it eremby taso.

ony	ta-aka-tyym	ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby	taso
Adv[PC]	eles <sub>1</sub> -aux-sub	3-decl-amarrar-nfut	rede <sub>2</sub>	homem <sub>1</sub>

'Todos aqueles homens amarraram as redes'

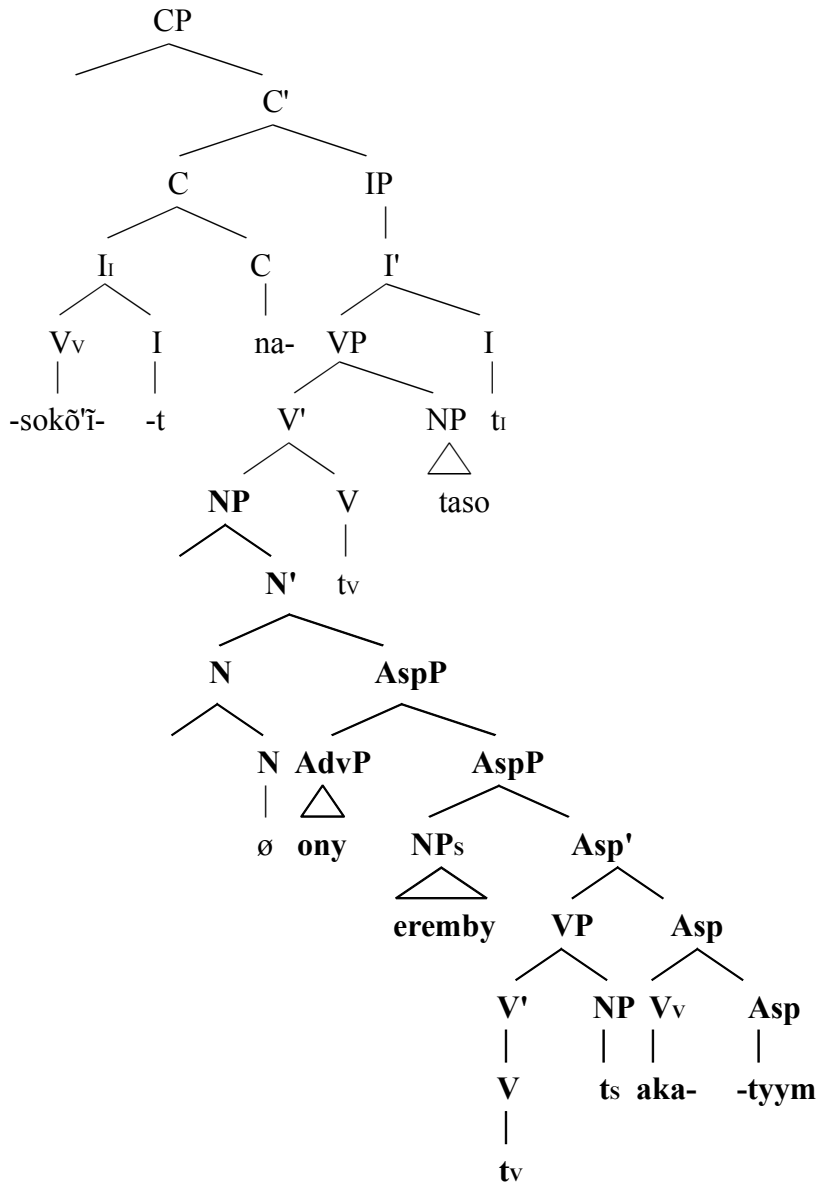
87. **Ony iakatyym** nasokõ'it eremby taso.

ony	i-aka-tyym	ø-na-sokõ'ĩ-t	eremby	taso
Adv[PC]	eles <sub>2</sub> -aux-sub	3-decl-amarrar-nfut	rede <sub>2</sub>	homem <sub>1</sub>

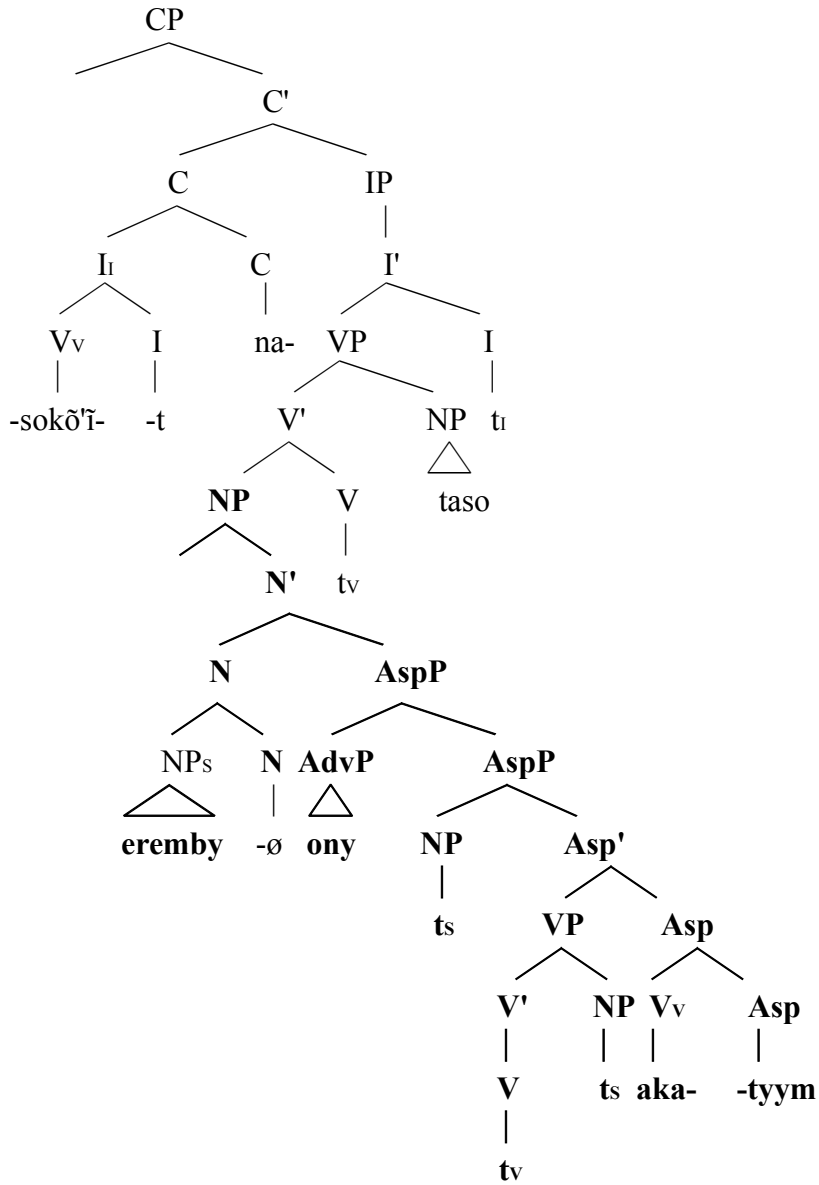
'Os homens amarraram todas aquelas redes'

No exemplo (84) e (85) *ony* aparece adjungido a AspP, e no primeiro caso, temos *eremby* 'rede' dentro do AspP na sua posição de Spec, já no segundo, temos *eremby* fora de AspP ocupando uma posição dentro do NP dominante. Vejamos as estruturas:

84'. Nasokõ'it [ony eremby akatyym] taso

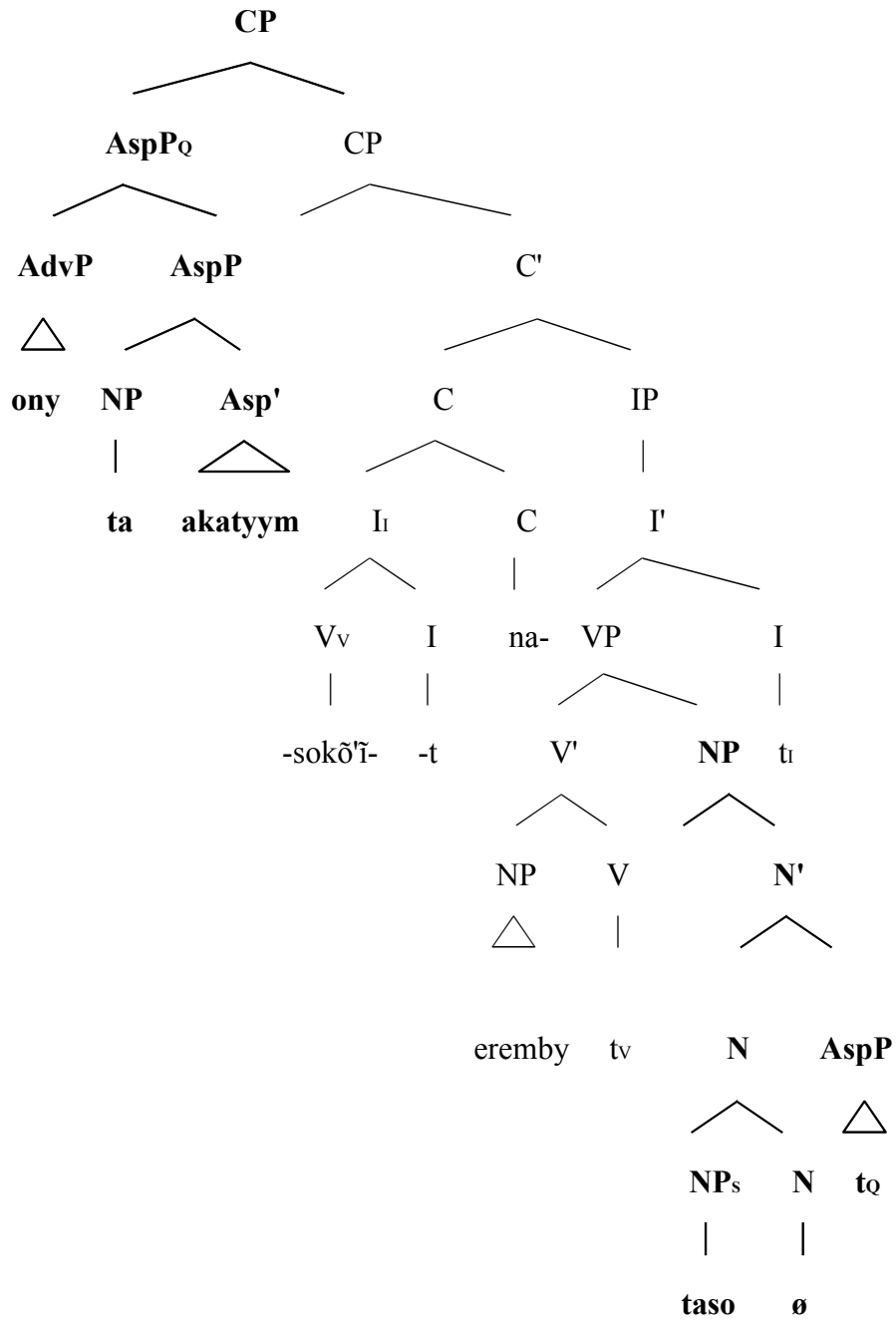


85'. **Nasokõ'it [eremby ony akatyym] taso**

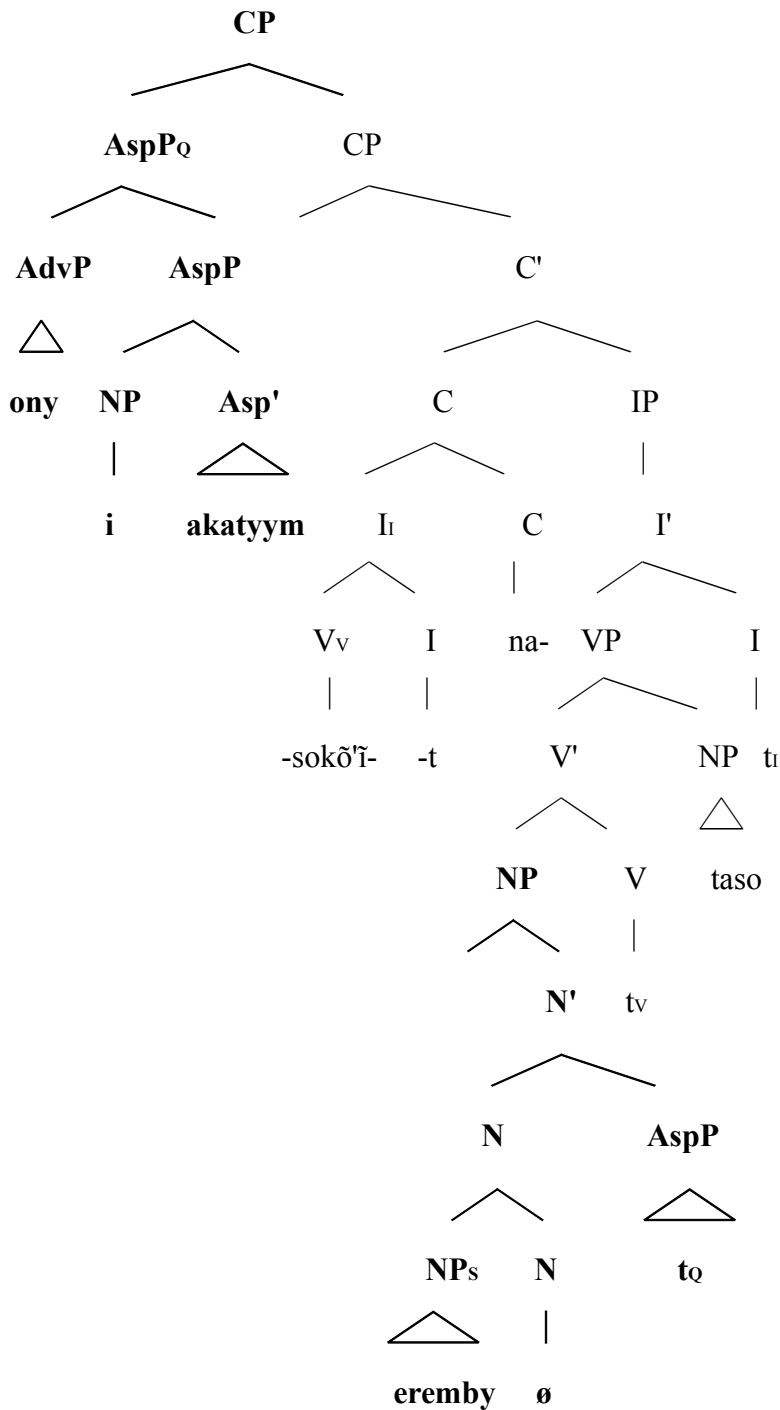


Em (86) e (87) observamos que o Adjunto *ony* se moveu junto com a parte do constituinte movido, e isso só seria possível sob duas condições: (i) este item ser adjunto a projeção máxima AspP; (ii) o NP gerado dentro da relativa ter executado um movimento extra AspP permanecendo em alguma posição do NP dominante, exatamente como previsto por Grosu & Landman (1998). Vejamos as estruturas abaixo:

86'. [Ony taakatyym]<sub>Q</sub> nasokõ'it eremby [taso t<sub>Q</sub>].



87'. [Ony iakatyym]<sub>Q</sub> nasokõ'ĩt [eremby t<sub>Q</sub>] taso.

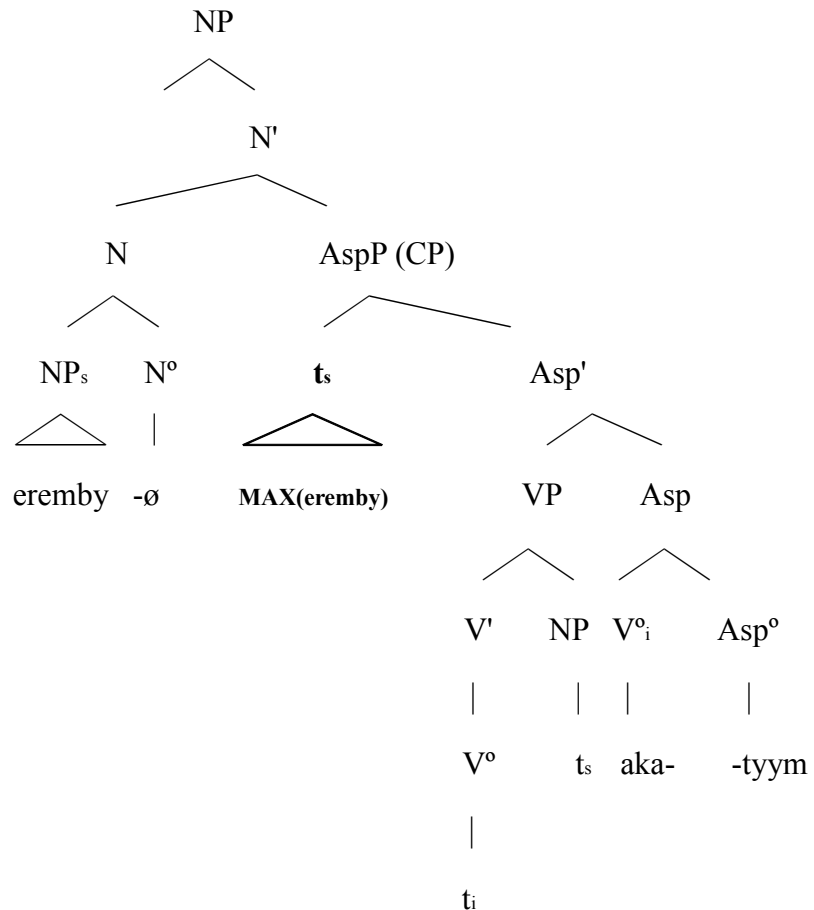


Este movimento do elemento pivô para o núcleo do NP dominante não é condição necessária em Karitiana, pois como aponta Storto (1999) esta língua permite que os constituintes permaneçam *in situ*, independente das relações que os constituintes possuem

frente a núcleos e outro elementos da sentença. O único movimento 'necessário' dentro das relativas maximadoras é o movimento para Spec de AspP – local exclusivo, onde acontece a operação de maximização.

Em consonância com a análise de Grosu & Landman (1998), observamos que a leitura universal nas sentenças com *akatyym* é o resultado da interpretação (em alguns casos nula fonologicamente) da expressão nominal no Spec de CP, na qual o 'tipo' do nominal é interpretado em relação ao restante da relativa, vejamos o exemplo com *eremby* 'rede', em (88) abaixo:

88.



Para este tipo de relativa, sempre há este movimento do NP para CP (AspP na nossa proposta), onde ocorre a interpretação maximadora; e se o NP ficasse *in situ* na sentença



relativa, não seria possível essa leitura. Por este motivo, mesmo no exemplo (84) acima, *eremby* 'rede' provavelmente deve estar ocupando a posição de Spec de AspP.

A operação de maximização apontada acima dentro da estrutura (88) acontece da seguinte maneira:

89.  $\text{Max}(\{ \langle x \rangle, \text{eremby}, x \rangle : \text{eremby}(x) \text{ e } \text{akatyym}(x) \})$

E assim para *eremby akatyym* teremos:

90. *Eremby aka-tyym*

'as redes que estão'.

O núcleo complexo AsP (*aka+ tyym* 'verbo ser+Asp<sup>o</sup>') se articula com o evento da sentença principal. Asp é o núcleo que vai recortar a denotação do que está sendo predicado como existente (o 'ser', ou o que 'é/são') transformando aquilo denotado pelo NP em algo específico, dentro de um evento 'pontual', definido no tempo e no espaço. Assim, no caso de (88) não se fala de tudo o que é rede, mas tudo o que é rede dentro de limites espaço-temporais.

Assim, em (88) o evento (e) – evento definido pela sentença matriz – existe uma entidade 'x' tal que 'x' é *eremby* 'rede' em (e) e apenas estas redes deste evento (e) são relevantes na construção da informação do sentença matriz. E esta entidade (rede(s) no caso) 'x' tem uma cardinalidade 'n', que devem ser o total das entidades *eremby* 'redes' envolvidas em (e).

Então 'n' é a cardinalidade de 'x', definida pela quantidade máxima dos tipos *eremby* 'rede' pertencentes ao evento (e).

Na fórmula em (89),  $|x|$  indica uma cardinalidade para 'x' e essa cardinalidades é definida pelo número máximo de entidades *eremby* 'rede(s)' em *akatyym* 'que estão' ('x' pertencentes ao conjunto *eremby* contidos em *akatyym*).

A maximização gera um conjunto unitário contendo a cardinalidade da soma máxima de redes 'que estão'.

Como apontado por Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) os nominais em Karitiana são neutros para número, podendo denotar tanto entidades singulares quanto entidades plurais. Imaginando um mundo onde apenas existisse quatro redes, a palavra *eremby* poderia denotar:

onde 'r' são indivíduos 'rede':

91. *eremby*: {r1}, {r2}, {r3}, {r4}, {r1+r2}, {r1+r3}, {r1+r4}, {r2+r3}, {r2+r4}, {r3+r4}, {r1+r2+r3}, {r1+r2+r4}, {r2+r3+r4}, {r1+r3+r4} e {r1+r2+r3+r4}.

A maximização seleciona a denotação onde o maior número de entidades estão presentes e exclui todas as restantes. Por exemplo, imaginando uma situação em que se vê um homem amarrando as três redes existentes dentro de uma casa, poderíamos dizer:

92. *Taso nasokõ'it eremby*

Esta sentença pode significar:

- (i) que o homem amarró uma rede (pelo menos),
- (ii) algumas delas (duas no caso) ou
- (iii) todas elas (as três).

assim, *eremby* 'rede' pode denotar:

92'. *eremby*: {r1}, {r2}, {r3}, {r1+r2}, {r1+r3}, {r2+r3} ou {r1+r2+r3}.

Enquanto que, se for utilizado *akatyym* na sentença, a denotação apenas será a contendo o número máximo:

93. *Taso nasokõ'īt eremby akatyym*

esta sentença pode significar (no contexto proposto acima) apenas 'o homem amarrou **todas** as redes'.

A denotação de *eremby* 'redes' (+ *akatyym*) neste caso só pode ser:

93'. *eremby*: {r1+r2+r3}

Como foi mostrado, a maximalização restringe o conjunto de entidades denotadas pelo NP ao conjunto unitário contendo o seu número máximo (se existir um) para o evento (e) definido pela sentença matriz.

### 1.11 Conclusões

Como foi mostrado, NP+*akatyym* tem uma morfossintaxe que sugere fortemente se tratar de uma sentença relativa, ao invés de um canônico quantificador-D. Sua leitura semelhante a de Universalidade é uma característica encontrada em sentenças Relativas nas línguas naturais como aponta de Vries (2002).

O NP relativo é sempre gerado internamente a AspP (dentro da sentença relativa), sofre necessariamente movimento para Spec de AspP, onde ocorre o a maximização, e possivelmente para fora da relativa, embora sua interpretação semântica sempre aconteça dentro da relativa (cf. Grosu & Landman, 1998).

E por fim, podemos ressaltar que este tipo de relativa Maximadora em Karitiana

pode se movimentar por inteiro para a primeira posição da sentença matriz, como também pode mover apenas o complemento do NP dominante (AspP no caso) e a ligação entre NP e relativa se dá através dos itens *i-* e *ta-*, que serão discutidos no próximo capítulo (seção 2.3).

## **2. Fenômenos satélites a *akatyym***

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar alguns 'fenômenos' lingüísticos envolvidos com os nominais em Karitiana, os quais estão relacionados diretamente com as chamadas relativas maximadoras, analisadas do capítulo 1.

Primeiramente, analisamos como em Karitiana os nominais são ancorados deiticamente. Mostramos que não há pronomes dêiticos em Karitiana, mas no seu lugar para a ostensão há uma estratégia estrutural que se assemelha a uma sentença relativa restritiva.

Em seguida, apresentamos um esboço sobre os pronomes em Karitiana, a fim de corroborar a hipótese de que os nominais em Karitiana são neutros para número. Por fim, apontamos que as partículas *ta-* e *i-*, as quais exercem de antemão o papel de reflexivo (anafórico) e pronome, também possuem outras funções na língua, como a de reflexivos de longa distância e também parecem marcar fonologicamente vestígio movidos junto a *akatyym*, com a finalidade de 'apontar' qual argumento (ergativo ou absolutivo) está sendo operado semanticamente.

### **2.1 Demonstrativos em Karitiana**

#### **2.1.1 Introdução**

Os demonstrativos são tradicionalmente tratados como pronomes que podem assumir função de determinantes, contendo, especialmente, informações sobre localidade, posicionamento em relação aos participantes do discurso e referencialidade (cf. Büring 2007). Em Karitiana, podemos verificar a existência de “demonstrativos” em sentenças

como as encontradas nos exemplos de (94) até (96).

94. **Dibm nakatari [ony taso aka]**

dibm	ø-naka-tat-i	ony	taso	aka
amanhã	3-decl-ir-fut	aquele	homem	?

‘Aquele homem irá amanhã’

95. **[Ony sojxaty aka] kyn nakapon João**

ony	sojxaty	aka	kyn	ø-naka-pon-ø	João
aquele	porco	?	posp	3-decl-atirar-nfut	João

‘João atirou naqueles porcos (visível)’

96. **[Ma sojxaty aka] kyn nakapon João**

ma	sojxaty	aka	kyn	ø-naka-pon-ø	João
aquele	porco	?	posp	3-decl-atirar-nfut	João

‘João atirou naqueles porcos (em movimento)’

Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b) apontam que a função expressa por demonstrativos como *este*, *esse* e *aquele* em português é realizada de outra forma em Karitiana. Nesta língua, apontam os autores, os demonstrativos não são pronomes ou qualquer tipo de material que simplesmente seleciona nominais, mas parecem ser sentenças subordinadas.

A favor desta análise, este trabalho argumenta que a “função demonstrativa” em Karitiana é efetivamente realizada por uma sentença relativa, e não por um pronome ou determinante, ao contrário do que tem sido amplamente observado em muitas línguas.

### 2.1.2 Background

Segundo Buring (2007) a classe dos pronomes pode ser identificada nas línguas naturais a partir de seu 'status ontológico'. Características como pessoa, tempo, localidade e

(in)definitude são verificáveis no mapeamento de suas funções. Além disso, pronomes definidos podem dividir-se entre os demonstrativos e os não-demonstrativos. Os não-demonstrativos por sua vez, podem dividir-se entre reflexivos e não reflexivos, como é o caso do inglês (reflexivos: *herself, ourselves*; *versus* não-reflexivos: *(s)he, our*)).

Para os pronomes demonstrativos, Büring (2007) aponta a existência de pelo menos duas características que os diferenciam dos pronomes não-demonstrativos:

(i) especificação de distância (próximo/distante) do nominal 'indicado' em relação as pessoas do discurso e

(ii) uma forte sensibilidade para ostensões extralinguísticas pelos falantes (uso amplo do pronome acompanhado por uma indicação gestual). Demonstrativos parecem ser 'referenciais indiretos', pois são dependentes do contexto.

### 2.1.3 Dados

Em Karitiana, podemos verificar a existência de “demonstrativos” em sentenças como as encontradas nos exemplos de (97) até (101), abaixo. Já os exemplos de (102) até (106) são agramaticais e serão analisados na seção seguinte.

97. Naponpon **ony sojxaty aka** kyn ðwã

ø-na-pon-pon-ø	ony	sojxaty	aka	kyn	ðwã
3-decl-atirar-dupl-nfut	aquele	porco	?	posp	criança

'A criança atirou naquele queixada'

98. **Ho kop aka** naakat bep'ywa

ho	kop	aka	ø-na-aka-t	bep'ywa
aquele (em cima)	copo	?	3- decl-aux-nfut	vidro

Aquele (lá em cima) copo é de vidro

99. **ĩ ja kop aka** naakat bep'ywa  
 ĩ ja kop aka ø-na-aka-t bep'ywa  
 esse copo ? 3-decl-aux-nfut vidro  
 'Este copo (aqui) é de vidro'
100. **Ka kop aka** naakat bep'ywa  
 ka kop aka ø-na-aka-t bep'ywa  
 este copo ? 3-decl-aux-nfut vidro  
 'Este copo (aqui) é de vidro'
101. **Ma sojxaty aka** kyn nakapon João  
 ma sojxaty aka kyn ø-naka-pon-ø João  
 aquele porco ? em 3-decl-atirar-nfut João  
 'João atirou naqueles porcos (em movimento)'
102. **\*Ka kop** naakat bep'ywa  
 ka kop ø-na-aka-t bep'ywa  
 este copo 3-decl-aux-nfut vidro  
 'Este copo aqui (com indicação gestual é gramatical)'
103. **\*Ma sojxaty** kyn nakapon João  
 ma sojxaty kyn ø-naka-pon-ø João  
 aquele porco em 3-decl-atirar-nfut João  
 'João atirou naqueles porcos (em movimento)'
104. **\*Kop aka** naakat bep'ywa  
 kop aka ø-na-aka-t bep'ywa  
 copo ? 3- decl-aux-nfut vidro  
 'Este copo aqui (apontando)'



105. \***Ony** naponpon **sojxaty aka** kyn ðwã

ony	ø-na-pon-pon-ø	sojxaty	aka	kyn	ðwã
aquele	3-decl-atirar-dupl-nfut	porco	?	posp	criança

'A criança atirou naquele queixada'

106. \***Ony kop naakat** bep'ywa

ony	kop	ø-na-aka-t	bep'ywa
aquele	copo	3-decl-aux-nfut	vidro

'Aquele copo é de vidro' (com indicação gestual é gramatical)

A partir destes exemplos, desenvolvemos possíveis análises, nas seções seguintes.

#### 2.1.4 Primeira Análise

Como apontado nos exemplos de (97) até (101), o que poderíamos chamar de "demonstrativos" em Karitiana possui a forma invariável apresentada abaixo em (107).

107. [posição/situação da entidade – nominal –AKA]

Ao observarmos a estrutura apresentada em (107), podemos destacar nos demonstrativos em Karitiana as seguintes características apresentadas por Büring (2007) em um único item lexical: a "posição/situação da entidade" (doravante PC [Posição do Corpo]) possui a referência de localidade, especificando a distância (em relação ao centro de referência, que é construído contextualmente em torno das pessoas do discurso – Falante e Ouvinte), e a acessibilidade dos participantes do discurso (em especial a visibilidade), tal como pode ser visto em todos os exemplos gramaticais apresentados acima de (97) até (101).

A partícula pós-nominal *aka* parece não contribuir para essas informações, pois se

observarmos nos exemplos acima, todas as informações típicas de demonstrativos são apresentadas pelo item lexical PC, embora seja necessária a presença de *aka* para o licenciamento destas "estruturas demonstrativas", como podemos observar em (102) e (103).

Storto (1999) aponta que os sintagmas demonstrativos teriam seus núcleos à direita em Karitiana<sup>17</sup>, propondo a seguinte estrutura para os demonstrativos:

108. [aux. situação – nominal – Det]

Como podemos observar acima, Storto (1999) analisa *aka* como o núcleo do que seria um pronome demonstrativo. Porém, como apontado em Coutinho-Silva e Storto (2005) os nominais em Karitiana não apresentam nenhum material funcional que possa ser identificado como o responsável por informações como (in)definitude ou número, o que levou a uma reconsideração do estatuto dos nominais na língua. Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) retomam esse debate apontando que os demonstrativos, como a quantificação universal, são estruturas alternativas do tipo subordinada. Reforçando esta idéia de que os demonstrativos em Karitiana são estruturas compostas, podemos ressaltar (como já analisado no Capítulo 1) que *aka* é um verbo 'existencial' que também é amplamente utilizado como auxiliar. Aqui surge a pergunta: seriam duas formas homófonas? *A priori*, consideraremos *aka* um único lexema. Assim, na próxima seção, uma análise da função de cada item dentro desta estrutura será realizada a partir do pressuposto que os demonstrativos são 'uma sentença' com a finalidade de encontrar um melhor tratamento para estes itens em Karitiana.

---

17 Storto (1999) aponta que Karitiana é uma língua com núcleo essencialmente à direita, idéia desenvolvida a partir da análise das estruturas verbais, e sendo assim, apostando em uma simetria entre as categorias verbal e nominal, ela sugere que os nominais também possuem seus núcleos à direita.

### 2.1.5 A morfossintaxe dos Demonstrativos

Como apontado acima, o demonstrativo apresenta a seguinte estrutura:

109. [PC – nominal –AKA]

Foram listados os seguintes itens (PC) que apontam informações acerca da(s) entidade(s) indicada(s): posição do corpo, presença ou não de movimento e a (im)possível visibilidade, vejamos a tabela (110):

110.

PC	Status	Especificação do status	visibilidade	Especificação de visibilidade	Distinção de número
<b>ka</b>	Movimento	caminhando			
<b>ma</b>		Qualquer movimento			
<b>kahy</b>			visível		
<b>ony</b>	default	default	default		
<b>~ja</b>	Parado	sentado	visível		
<b>hyp</b>		deitado			
<b>hop</b>		Em pé			
<b>a</b>	Não especificados		Não especificados	Visível com animais	singular
<b>ari</b>					plural

O uso destes posicionais (PC) é atestado em dois casos: (i) quando o demonstrativo é acompanhado pelo nominal e pelo *aka*, (exemplos de (97) até (101) e (ii) quando os

posicionais (PC) aparecem acompanhados de uma indicação gestual (ostensão, via *dêixis*) no momento de enunciação, exemplos (111), (112) e (113) abaixo, e os chamados posicionais, neste caso, podem ser traduzidos como: 'este', 'aquele' e 'lá'.

111. Ĵa naakat y'it

Ĵa	ø-na-aka-t	y-‘it
PC [vendo, escutando, sentado]	3-decl-aux-nfut	1-filho

'Este (*default* ou andando) é meu filho'

Contexto: apontando para alguém.

112. Ony hoto ijeky

ony	Hot-o	i-jeky
PC [em pé/sentado/deitado]	Aux-?	part-bochecha

'A bochecha daquele lá'.

Contexto: apontando para alguém.

113. Ka naakat y'it

ka	ø-na-aka-t	y-‘it
PC [andando, vendo]	3-decl-aux-nfut	1-filho

'Este (*default* ou andando) é meu filho'

Contexto: apontando para alguém.

Os exemplos acima sugerem que se de alguma maneira a ostensão em Karitiana fosse exercida por **pronome** demonstrativo, e este ocupando uma posição de núcleo nominal, o forte candidato seria um dos posicionais listados (99) e não o *aka*, devido o sua maior quantidade de conteúdo semântico identificado por Buring (2007) como típico de pronome demonstrativo. Porém, seria inexplicável o porque deste posicionais (PC) não poderem simplesmente se combinar com nominais, sendo possível apenas o seu licenciamento sintático quando acompanhado também do *aka*.

### 2.1.6 *Aka* – verbo auxiliar

Como já foi apontado no Capítulo 1, e exemplificado nos exemplos a seguir, *aka* além de ocorrer na “expressão quantificadora universal”, exemplo (114), é um auxiliar utilizado como cópula, exemplo (115), ou como auxiliar junto a sentenças finitas – e no caso, é ele quem recebe as flexões de tempo e concordância exemplos (116) e (117).

114. Sojxaaty **akatyym** (kyn) naponpon ðwã

sojxaaty	<b>aka-tyym</b>	(kyn)	ø-na-ponpon-ø	ðwã
queixada	<b>aux-sub</b> [todo]	posp	3-decl-atirar-dupl-nfut	criança

'A(s) criança(s) atirou/atiraram em Todas as queixadas'.

Cópula:

115. Inácio na-aka-t y-sat

Inácio	ø-na- <b>aka-t</b>	y-sat
I.	3-decl- <b>aux-nfut</b>	1s-nome

Meu nome é Inácio (Storto, dic.)

Como auxiliar:

116. 'ejepo (naakat) i'ot

'ejepo	(ø-na- <b>aka-t</b> ) <sup>18</sup>	i-'ot
pedra	3-decl- <b>aux-nfut</b>	part-cair

(A) pedra caiu.

117. Y'it 'ipi'y naakat ty iakat

[y'it 'ip<i>'y]	ø-na- <b>aka-t</b>	ty	i- <b>aka-t</b>
1-filho peixe-VH-comer	3-decl- <b>aux-nfut</b>	alto	part- <b>aux-nfut</b>

'(Aquele) meu filho que comeu o peixe é alto'

Como observados nos exemplos de (114) até (117) *aka* é um verbo. O que confirma isso é a presença de morfologia de tempo e concordância nestes itens quando nas sentenças matriz.

Se retomarmos os exemplos de (94) até (96), podemos observar que a sentença se

---

18 Alguns constituintes da sentença que estão entre parênteses podem ser omitidos na fala natural.

torna agramatical quando o *aka* é retirado, vejamos os exemplos de (118) à (120)<sup>19</sup>:

118. \*Dibm nakatari ony taso  
 dibm ø-naka-tat-i ony taso  
 amanhã 3-decl-ir-fut aquele homem  
 ‘Aquele homem irá amanhã’
119. \*Ony sojxaty kyn nakapon João  
 ony sojxaty kyn ø-naka-pon-ø João  
 aquele porco em 3-decl-atirar-nfut João  
 ‘João atirou naqueles porcos’
120. \*Ma sojxaty kyn nakapon João  
 ma sojxaty kyn ø-naka-pon-ø João  
 aquele porco em 3-decl-atirar-nfut João  
 ‘João atirou naqueles porcos’

Assim, podemos concluir que *aka* não só acrescenta algum tipo de informação a um dado nominal já combinado com um demonstrativo, mas faz parte de alguma maneira da própria estrutura demonstrativa.

Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b) apontam que a função expressa por demonstrativos como *este*, *esse* e *aquele* em português é indicada de outra forma em Karitiana. Expressões do português como *aquele homem* ou *aquele(s) porcos(s)* que indiscutivelmente são Sintagmas Nominais são traduzidas por orações subordinadas que equivalem a *homem/porco que está lá* ou *porcos que estão se movendo*, como ilustrado nos exemplos de (121) até (123), abaixo:

121. Ony taso aka Homem que está lá.  
 122. Ony sojxaaty aka Porcos que estão lá (vendo).  
 123. Ma sojxaaty aka Porcos que estão lá se movendo.

<sup>19</sup> Como já apontado, estas sentenças podem ser gramaticais se utilizadas junto a indicação gestual em contextos específicos.

Os autores apresentam as seguintes evidências para classificar os demonstrativos em Karitiana como orações subordinadas, e não como sintagmas nominais simples:

- (i) o fato de *aka* ser um produtivo verbo auxiliar e ocorrer na última posição da sentença, sem flexão de concordância ou tempo, como acontece em todas as sentenças subordinadas em Karitiana;
- (ii) o fato de que estas construções demonstrativas (especiais) exigirem morfologia (os posicionais listados na tabela em (110)) que codifica informações como a posição do corpo, distância do “argumento relativizado” e seu possível movimento, é encontrada ocorrendo de forma semelhante em um estreito paradigma em todos os predicados progressivos na língua, ou em alguns casos, também possui um estrito paralelo com (alguns) verbos auxiliares.

A análise de Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b) propõe que os demonstrativos em Karitiana não são pronomes ou qualquer outro tipo de material que simplesmente seleciona nominais, mas são sentenças subordinadas. Além das evidências acima listadas para identificar os demonstrativos em Karitiana como sentenças, podemos acrescentar a existência de exemplos onde podemos constatar a presença de diferentes auxiliares além de *aka*, como *kii* nos exemplos (124) e (125, agramatical seguindo o paradigma do comportamento do *aka*) e *agit* nos exemplos (128) e (129, também agramatical seguindo o paradigma do comportamento do *aka*), vejamos:

124. Dibm nakahori **ari õwã kii**

dibm	ø-naka-hor-i	PC	õwã	kii
amanhã	3-decl-ir[pl]-fut	aquele [pl]	criança	aux [pl]

Aquelas crianças vão amanhã.

125. \*Dibm nakatari **ari õwã kii**

dibm	ø-naka-tar-i	PC	õwã	kii
amanhã	3-decl-ir-fut	aquele [pl]	criança	aux [pl]

Aquelas crianças vão amanhã.

126. \*Dibm nakahori **a õwã aka**

dibm	ø-naka-hor-i	PC	õwã	aka
amanhã	3-decl-ir[pl]-fut	aquele [sg]	criança	aux

'Aquelas crianças vão amanhã.'

127. Dibm nakatari **a õwã aka**

dibm	ø-naka-tar-i	PC	õwã	aka
amanhã	3-decl-ir-fut	Aquele [sg]	criança	Aux

'Aquela criança vai amanhã.'

128. Dibm nakahori **ari õwã agit**

dibm	ø-naka-hor-i	PC	õwã	agit
amanhã	3-decl-ir[pl]-fut	aquele [pl]	criança	aux [pl]

'Aquelas crianças vão amanhã'.

129. \*Dibm nakatari **ari õwã agit**

dibm	ø-naka-tar-i	PC	õwã	agit
amanhã	d3-ecl-ir-fut	aquele [pl]	criança	aux [pl]

'Aquelas crianças vão amanhã'.

Como poderíamos explicar esta incompatibilidade dos auxiliares 'marcados' de uma certa maneira para número dentro destes ambientes determinados para singular ou plural? (exemplos de (124) até (129)). Storto (1999) aponta que língua Karitiana possui alguns casos de supleção verbal: como não há flexão de número no paradigma verbal e também nenhuma estratégia nominal para determinar pluralidade, alguns verbos possuem duas formas lexicais oriundas de raízes diferentes para predicar ações envolvendo entidades



plurais ou singulares. Como por exemplo o verbo 'ir:' *-tat-* (singular) e *-hot-* (plural). Em Karitiana, há outros auxiliares como *-kii-* e *-agi-* (ambos auxiliares e verbos de ligação para entidades plurais). Nos exemplos acima, podemos observar que a Estrutura demonstrativa se manteve mesmo sendo comutado *aka* por *kii* e *agit* (verbos da mesma natureza), o que reforça a hipótese de que a função demonstrativa em Karitiana é realizada por algum tipo de estrutura subordinada do tipo relativa<sup>20</sup>.

### 2.1.7 Estatuto Sintático dos PCs

Como podemos observar no exemplo (105) repetido abaixo como (130), o item lexical PC não pode ocupar qualquer posição na sentença, sendo necessário que esteja a esquerda do nominal a qual marca posição e acessibilidade, o que nos permite concluir que forma um constituinte, como apresentado em (109).

130. \***Ony naponpon sojxaty** aka kyn ðwã

ony	ø-na-pon-pon-ø	sojxaty	aka	kyn	ðwã
aquele	3-decl-atirar-dupl-nfut	porco	aux	posp	criança

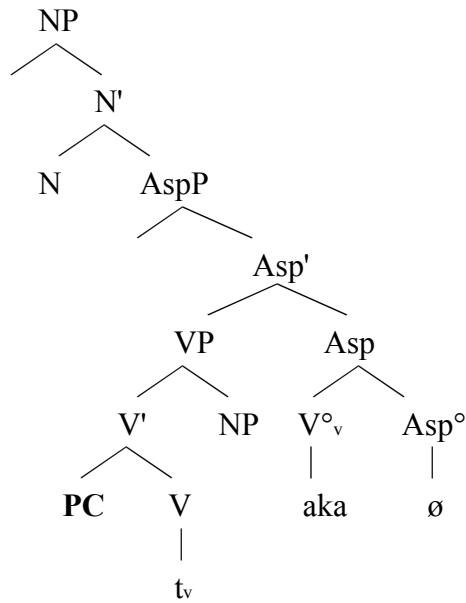
A criança atirou naquele queixada

Assim, podemos esperar que o item lexical PC ocupe uma das seguintes posições na estrutura da sentença relativa:

---

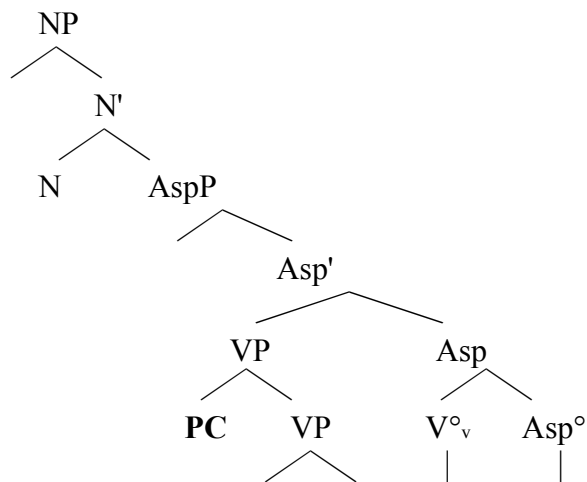
<sup>20</sup> Chamo esta estrutura de Sentença Relativa devido ao fato de ser uma sentença que ocupa posições argumentais.

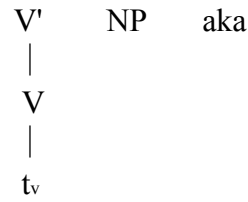
### 131. Complemento do VP



Neste caso, o PC teria de ser capaz de ocupar uma posição argumental, o que não poderia ser um problema, pois como podemos observar em (111), (112) e (113) ele o faz sem tornar a sentença agramatical. Porém, nestes casos, o posicional parece estar nominalizado, diferente dos PCs convencionais que se comportam como algum tipo de Advérbio marcador (principalmente) de espacialidade nas estruturas demonstrativas frequentes em Karitiana.

### 132. Adjunto do VP





Se considerarmos PC uma espécie de Advérbio, teríamos que considerar a possibilidade dele se adjungir a qualquer projeção máxima (VP ou AspP no caso). Neste caso, podemos encontrar os seguintes exemplos em Karitiana:

**133. Ony taakatyym<sub>q</sub> nasokõ'it eremby taso t<sub>q</sub>**

PC	ta-aka-tyym	ø-na-sokõ'ĩ -t	eremby	taso
aqueles	anaf[s]-aux-sub	3-decl-amarrar-nfut	rede	homem

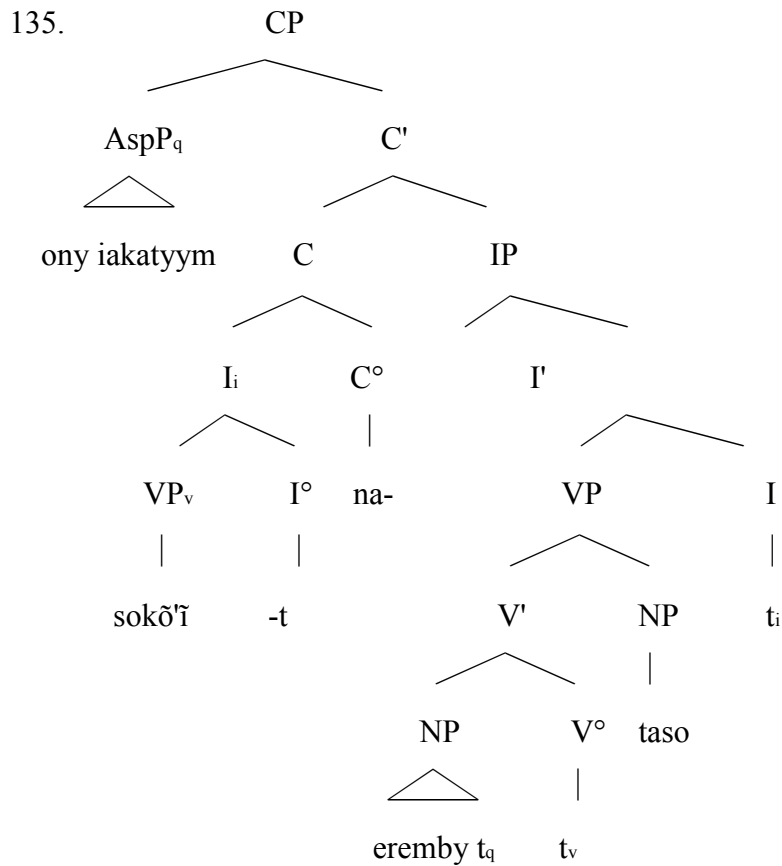
'Todos aqueles homens amarraram a rede'

**134. Ony iakatyym<sub>w</sub> nasokõ'it eremby t<sub>w</sub> taso.**

PC	i-aka-tyym	ø-na-sokõ'ĩ -t	eremby	taso
aqueles	anaf[ns]-aux-sub	3-decl-amarrar-nfut	rede	homem

'Os homens amarraram todas aquelas redes'

Assim, estes exemplos parecem possuir a seguinte estrutura abaixo (135), na qual o *ony* só poderia estar adjungido a AspP:



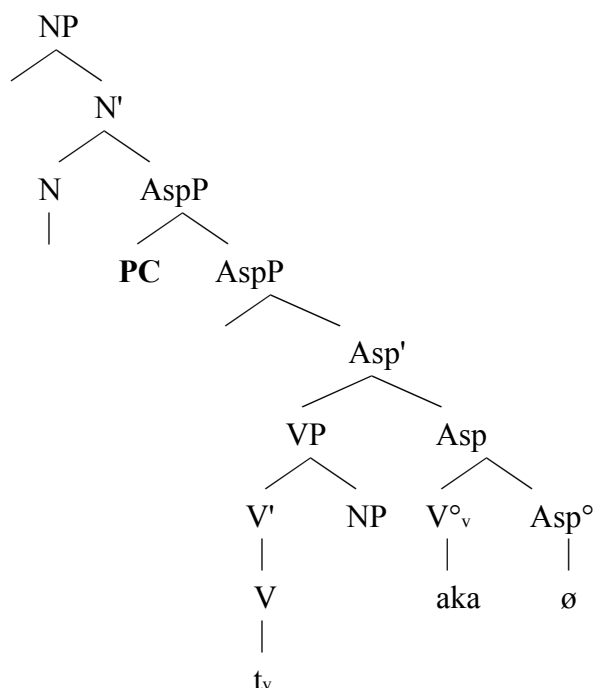
Assim, no caso dos exemplos (133) e (134), acreditamos que o *ony* foi gerado dentro do AspP da relativa maximadora, e que no momento da extração e movimendo do *akatyym*, ele se movel junto para a primeira posição da sentença por ser um adjunto do item movido. Também encontramos exemplos como os abaixo em (136) e (137), os quais aparentam ter a estrutura em (138):

136.	Nasokõ'it	[ <b>ony</b>	<b>eremby</b>	<b>akatyym</b> ]	taso
	ø-na-sokõ'i -t	PC	eremby	aka-tyym	taso
	3-decl-amarrar-nfut	aquele	rede	aux-sub	homem

O homem amarrou todas aquelas redes.

137. Nasokō'it                    **[eremby ony akatyym]**    taso  
 ø-na-sokō'ĩ -t                eremby    PC        aka-tyym    taso  
 3-decl-amarrar-nfut        rede        aquele    aux-sub    homem  
 'O homem amarrou todas aquelas redes'

138. [ony eremby akatyym]



No exemplo (136) o NP envolvido na Relativização estaria no Spec de AspP e a no exemplo (137), este NP estaria em alguma posição dentro do NP dominante. Vale lembrar que em (137) o NP gerado dentro da relativa se move obrigatoriamente para Spec de AspP, e posteriormente pode se mover para fora da relativa por ser uma relativa do tipo Maximadora, como apontamos no capítulo anterior. Assim, acreditamos que nas relativas das estruturas demonstrativas, o que temos é o NP *in situ*, onde foi gerado.

Corroborando nossas expectativas, ao substituir o PC por qualquer Adjunto de localidade, a sentença se mantém gramatical, como nos exemplos (139) e (141). Podemos notar nos exemplos abaixo, este tipo de estrutura relativa parece ser menos rígida e

crystalizada do que as Maximadoras, pois também permitem a substituição do verbo *aka* por outros verbos auxiliares, como *agit* e *ki* (verbos supletivos plurais paralelos a *aka*) como podemos observar nos exemplos de (139) até (141):

139. São Paulo pip  $\tilde{\text{jonso}}$  agit/ki naakat ise'at

São Paulo pip	$\tilde{\text{jonso}}$	agit/ki	$\emptyset$ -na-aka-t	ise'a-t
SP. posp	mulher	aux[pl]/aux[pl]	3-decl-aux-nfut	part-bonito-nfut

'As mulheres (que) estão em São Paulo são bonitas'.

140. Ari  $\tilde{\text{jonso}}$  ki naakat ise'at

Ari $\tilde{\text{jonso}}$ ki	$\emptyset$ -na-aka-t	i-se'a-t
PC[aqueles [pl] aux[pl]]	3-decl-aux-nfut	part-bonito-nfut

'(Aqueles) mulheres (que) estão ali são bonitas'.

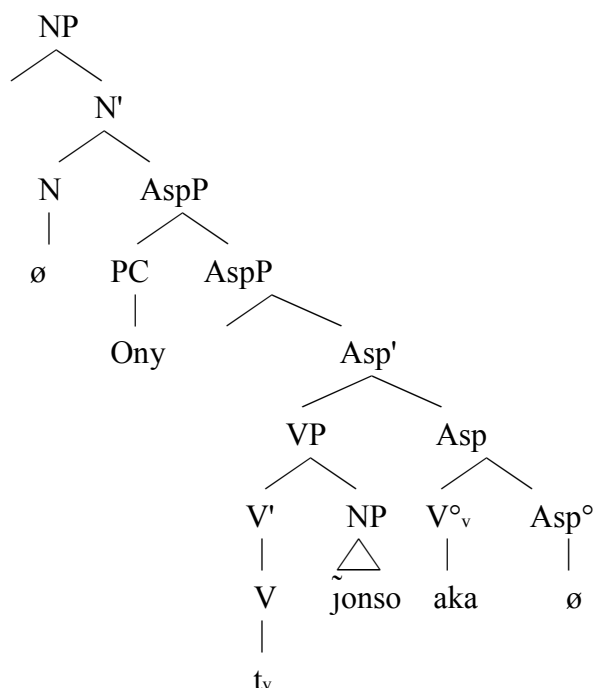
141. Prédio pip  $\tilde{\text{jonso}}$  ki/aka naakat ise'at

prédio pip	$\tilde{\text{jonso}}$ ki/aka	$\emptyset$ -na-aka-t	i-se'a-t
prédio posp	mulher aux[pl]/aux[sg]	3-decl-aux-nfut	part-bonito-nfut

'(Aquele(s)) mulher(es) que (estão/está) no prédio são/é bonita(s)'.

Assim podemos propor a seguinte estrutura para os "demonstrativos" em Karitiana:

142. [Ony  $\tilde{\text{jonso}}$  aka] 'aquela mulher'



Diferente das relativas maximadoras, que o nominal relativizado após ser gerado sofre movimento obrigatório para Spec de AspP, os nominais das sentenças relativas demonstrativas permanecem obrigatoriamente *in situ*, se articulando com o elemento vazio existente no núcleo de NP. Este fato é observável pela agramaticalidade de sentenças como \**jonso ony aka*, agramaticalidade oriunda do não movimento no nominal núcleo da relativa.

### 2.1.8 Conclusões

Como foi demonstrado, Karitiana não possui pronomes demonstrativos, mas no lugar destes possui uma estratégia sentencial – o uso de relativas - para gerar o efeito demonstrativo com as características apontadas por Büring (2007) para itens deste tipo.

Como consequência da primeira conclusão, a hipótese levantada por Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b) de que em Karitiana não há projeção funcional nos nominais é

fortalecida, pois tradicionalmente os demonstrativos são 'acomodados' estruturalmente pelas teorias correntes dentro de uma projeção funcional do NP.

## 2.2 Pronomes pessoais

### 2.2.1 Introdução

A língua Karitiana possui um rico sistema pronominal que dispõe basicamente de seis pronomes e uma anáfora. Estes pronomes estão distribuídos da seguinte maneira: duas formas para o singular, três para o plural e uma terceira pessoa indistinta quanto a número, tabela (143).

O paradigma dos pronomes em Karitiana é o seguinte:

Tabela 143:

<b>Pronomes</b>	<b>peçoas/número</b>
yn	1s
an	2s
i	3s
yjxa	1pl (inclusivo)
yta	1pl (exclusivo)
ajxa	2pl
i	3pl

Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) propõem que os nominais em Karitiana são todos neutros para número. Para o paradigma pronominal, com formas plurais e que poderia se configurar como um contra-exemplo, eles argumentam que esses pronomes 'plurais' são na verdade o resultado de uma composição sem qualquer marca morfológica de plural que signifique “mais de um”. Assim, os pronomes ditos plurais são uma espécie de listagem de participantes, tabela (144).



Tabela 144:

Pronomes	morfologia	peessoas	significado
yn	y+n	1s	eu + participante <sup>21</sup>
an	a+n	2s	você + participante
i	i	3	outro (não participante)
yjxa	y+i+ta	1pl (inclusivo)	eu+outro(s)+anafórico
yta	y+ta	1pl (exclusivo) <sup>22</sup>	eu+anafórico
ajxa	a+i+ta	2pl	você+outro(s)+anafórico
i	i	3	outro
Muller, Storto e Coutinho-Silva (2006)			

Como podemos observar na tabela (144), a morfologia dos pronomes sem dúvida sugere que eles são o resultado de uma composição. Porém, nesta abordagem não fica claro qual seria a contribuição da forma anafórica de terceira pessoa *ta-* ou o pronome de terceira pessoa *i* na composição dos pronomes 'plurais'.

Esse capítulo tem como meta o refinamento da proposta de Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a,b) para o pronomes em Karitiana. Inicialmente, mostramos que a denotação dos pronomes 'plurais' não decorre de uma simples listagem de seus participantes e depois discutimos o papel da anáfora de terceira pessoa *ta* e do pronome de terceira pessoa *i* incorporados nos pronomes plurais de primeira pessoa exclusiva e inclusiva e na segunda pessoa .

## 2.2.2 Sobre uma listagem de participantes

Explorando o fato de que as primeiras pessoas do plural não se referem a um grupo de falantes (propriamente dito), mas sim a um falante e outro, ou mais outros, Ritter e

21 Participante do discurso, ou seja [+falante] ou [+ouvinte], em oposição a não-pessoa do discurso.

22 Chamo de pronome de primeira pessoa do plural inclusivo, aquele que inclui o ouvinte na sua denotação. Já o pronome de primeira pessoa exclusivo, é marcado por uma ruptura de identidade com o ouvinte, sendo este excluído da denotação.

Harley (1998) apontam que pronomes em algumas línguas são 'construídos' a partir do contraste apenas nas pessoas participantes da enunciação. Como base para essa proposta, as autoras apontam a existência de muitas línguas que normalmente não marcam morfologicamente distinção de número ou gênero. Para esse tipo de língua, Ritter e Harley (1998) desenvolveram uma análise dentro da morfologia distribuída que constrói a denotação do quadro de pronomes a partir apenas das possíveis combinações na subgeometria de um nó responsável pelos traços de participantes da enunciação.

Segundo Harley e Ritter (2002), a morfologia, diferente da sintaxe e da fonologia, ainda não possui uma representação universal, salvo a tipologia de Greenberg (1963 apud Harley e Ritter 2000), que a partir da observação de padrões comuns nas línguas naturais postulou uma lista de Universais e dentre eles, chamava a atenção para uma organização sistemática de traços de pessoa, gênero e número.

Paramentadas com as propostas da Morfologia Distribuída e observando diversos trabalhos sobre universais na fonologia, a intenção dos trabalhos de Ritter e Harley (1998), e Harley e Ritter (2002) é de atestar e estabelecer uma representação Universal eficiente para as línguas naturais.

Da lista de Universais de Greenberg (1963), elas salientam:

*Universal 21:* Se o verbo concorda em gênero com o Sujeito ou o Objeto, ele concorda em número.

*Universal 36:* Se a língua tem gênero, ela tem número.

*Universal 37:* Há mais gênero no singular que no plural.

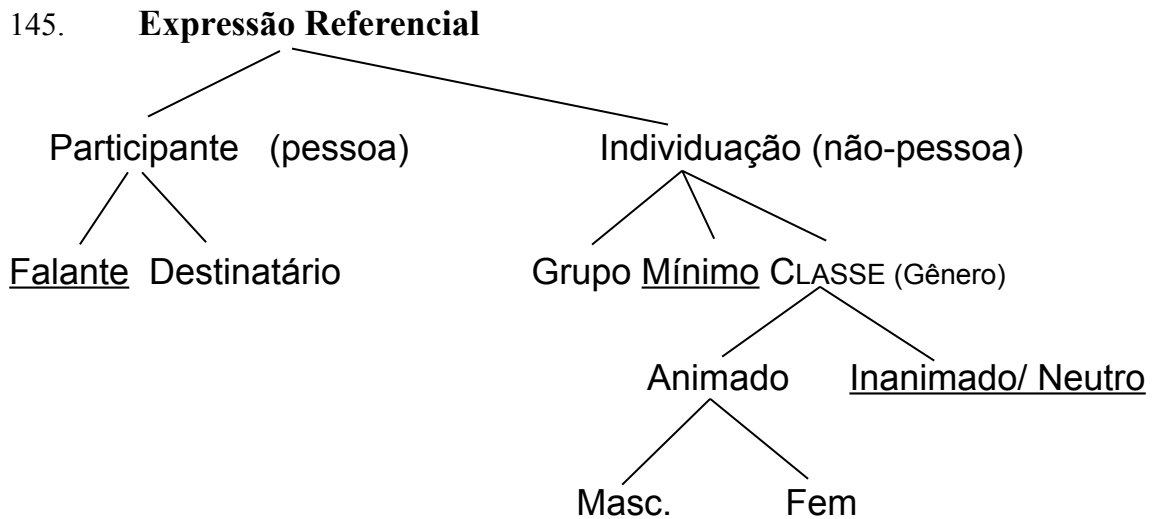
*Universal 45:* Se existe distinção de gênero no plural do pronome, então existe também no singular.

A partir desses Universais, elas perceberam:

(i) a dependência da marcação de gênero da marcação de número;

(ii) o singular é menos marcado que o plural;

(iii) e se a forma mais marcada possui contraste de um morfema dependente, provavelmente possuirá da forma menos marcada. A partir desses fatos, elas propõem a seguinte representação Universal:



Segundo Harley Ritter (2002), em teoria, pode existir uma língua com geometria de pessoa sem geometria de número, pois ambos são traços da 'Expressão Referencial' (Participante e Individação), e portanto são independentes e de status semelhante na composição de pronomes, mas não pode existir língua sem geometria de pessoa, pois uma língua não existe sem falantes e ouvintes, estrutura (145), acima.

Por exemplo, uma língua pode ser composta pelos traços dependentes do nó Participante (Falante e Ouvinte) mais o nó de Individação (que seria o traço da não-pessoa). Vale notar que o traço de individualização não é especificado para número, pois só se torna especificado no caso de ser ativado um dos traços dependentes: o traço Grupo (para entidades plurais) ou Mínimo (para entidades singulares), assim, uma não-pessoa sem a ativação destes traços seria neutra (sem especificação para número).

Ao observarmos a proposta oferecida no paradigma pronominal de Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a.b), especialmente a análise morfológica dada na tabela 2 (coluna 4), algumas questões surgem sobre a composição dos participantes nos pronomes 'plurais':

(i) Porque *yixa* tem em sua morfologia  $y+i+ta$  (1+3+ta) se a primeira pessoa inclusiva do plural diz respeito à inclusão do ouvinte na referência do pronome? Se o caso fosse uma listagem simples de participantes, era de se esperar então que a primeira pessoa inclusiva do plural tivesse a seguinte forma:  $*y+a+ta$  (1+2+ta).

(ii) Porque a segunda pessoa do 'plural' *ajxa* tem o *i* (terceira pessoa) na sua composição? Se na primeira pessoa exclusiva a forma é simplesmente  $y+ta$  (1+ta), por que a segunda pessoa não é simplesmente  $*a+ta$  (2+ta)?

(iii) O que impede que a terceira pessoa possua uma forma plural via composição com o *ta*?

### 2.2.3 Sobre o papel do *ta* e do *i* na composição dos pronomes 'plurais'

A noção de plural destes pronomes não tem como fonte a listagem de participantes, mas é gerada pela anáfora *ta* que tem, entre outras funções nesta língua, a de reflexivo ou recíproco. Ela parece repetir o item nominal que a precede, criando a idéia de “mais que um” por meio de uma contabilização extensional simples:

146.  $x+ta$  (anafórico) =  $x + x'$

O que corrobora esta hipótese estrutural em (146) é o fato da primeira pessoa exclusiva do plural *yta*, não incluir o morfema *i*, o que nos permite concluir que em todos estes pronomes ditos plurais, o responsável pela 'leitura plural' é o *ta*, e que o *i* deve possuir

uma outra função na composição destes pronomes.

Deste modo, para o *i* parece restar uma única função: a de “abrir” a denotação construída entre o pronome Participante e a anáfora *ta*. Ou seja, se o morfema *i* não aparecesse, as denotações dos pronomes *yjxa* (1p-inclusiva) e *ajxa* (2p) seriam mais restritas quanto a quem esses pronomes se referem, respectivamente, suas leituras seriam (1+1') e (2+2') o que significaria um coro de falantes na primeira inclusiva e de ouvintes na segunda.

Assim, podemos explicar a existência do *i* no pronome de segunda pessoa do plural que, a rigor, para ser plural não precisa do *i* mas só do *ta*. O *i* está ali presente para ampliar a denotação do pronome de 2ª pessoa do 'plural' para além de ouvintes, pois sem ele o pronome (\**ata*) iria denotar apenas ouvintes - uma platéia de pessoa presentes na ato de enunciação (o que não é necessário).

Tal problema não existe com *yta* (1p-exclusiva), porque as 1ªs pessoas do plural não se referem a grupo de falantes, mas sim um falante porta-voz e outro, ou mais outros constituídos de uma mesma identidade.

Assim, a denotação da primeira pessoa do plural exclusiva e da segunda do plural em Karitiana são as seguintes:

147.

**y+ta** = eu+anáfora ( outros como 'eu')

**a+i+ta** = você+outros quaisquer com algum tipo de identidade com o(s) ouvinte(s)+anáfora

A mesma explicação pode ser estendida a 1ª pessoa inclusiva do plural (*yjxa*). O pronome de terceira pessoa *i* está presente no lugar do pronome de segunda pessoa *a* (o qual se esperava com a proposta de listagem de participantes) para que a leitura deste pronome não seja: **Eu+você+anáfora** pois, neste caso a anáfora *ta* retomaria uma espécie

de dual (gerando pares de primeira e segunda pessoa) ou retomaria um grupo com uma primeira ( $y$ ) e um grupo de ouvintes ( $a+ta$ ).

Logo, a denotação da primeira pessoa inclusiva (a mais genérica) é a seguinte:

148.

$y+i+ta$  = eu+ outros quaisquer (não necessariamente pessoa do discurso)+ anáfora

#### 2.2.4 A terceira pessoa *i*

Com a análise aqui proposta para a composição dos pronomes em Karitiana, resta apenas uma pergunta: por que a terceira pessoa não possui um pronome 'plural' *\*i-ta*?

Se retornarmos à proposta de geometria de traços morfológicos para a Expressão Referencial de Ritter e Harley (1998) na estrutura (145), podemos perceber que o nó de Individuação (correspondente à não-pessoa) tem como característica acionar os traços de número das Expressões Referenciais. Para o singular o traço Mínimo é acionado e para o plural, o traço Grupo.

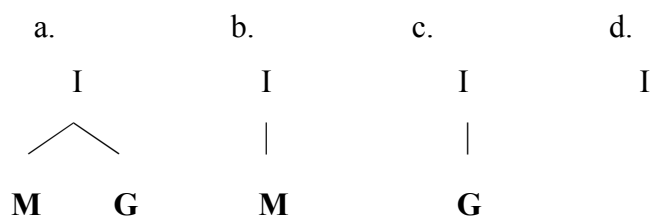
A partir do trabalho de Hanson (1999) sobre a aquisição dos pronomes, Hanson, Harley e Ritter (2000) (doravante HHR) buscam as formas menos marcadas, e assim, levantam evidências para traços universais *default* e também discutem as possibilidades acerca da subespecificação. Contrastando 10 trabalhos sobre cerca de 6 línguas diferentes, elas apontam para uma uniformidade no que diz respeito ao primeiro pronome adquirido: ou a 1ª pessoa do singular, ou a 3ª pessoa do singular (neutra/ inanimada). A 2ª pessoa sempre é adquirida posteriormente à 1ª pessoa, e o singular também sempre aparece anterior ao plural, e assim concluem que no nó participante, o *default* é a primeira pessoa (Falante), no nó individualização o *default* é o singular (Mínimo) e no nó Classe, o *default* é o neutro inanimado, pois estes são os que aparecem primeiramente na fala das crianças.

Quanto à possibilidade de variação na ordem da aquisição, elas apontam que mesmo mantendo uma hierarquia de dependência dos traços, a ordem em que esses nós são acionados pode variar a partir do *input* na aquisição, ou seja, das expressões lingüísticas que a criança ouve, e o que **nunca pode acontecer é um traço dependente ser acionado antes do seu nó superior**. Por exemplo, uma criança pode adquirir tanto o traço de Participante, quanto o de Individuação (pois ambos são irmão e independentes sobre a Expressão referencial, o que não pode acontecer, é a aquisição de traços dependentes de outros, como por exemplo, não é possível a aquisição dos traços que indicam número (Grupo ou Mínimo) antes de ter sido adquirido o nó anterior de Individuação (não-pessoa). A maneira que determinados nós controlam seus dependentes é semelhante à geometria proposta pela fonologia - a única 'restrição' na aquisição é que as formas mais marcadas não podem aparecer antes das formas menos marcadas.

Como não assumimos a hipótese de traço *default* de HHR 2000, o nó de Individuação pode possuir 4 combinação lógicas – da mesma maneira que foi proposto com o nó Participante para línguas sem número e gênero.

Para o nó **I**ndividuação teríamos as seguintes possibilidades entre **M**-ínimo (singular) e **G**-rupo (plural):

149.



Considerando essas quatro possibilidades, podemos dizer que numa língua como o português por exemplo, seria acionado em I o traço Mínimo com um pronome singular e seria acionado um traço Grupo com um pronome plural como em (149b) e (149c). A

possibilidade encontrada em (149a) em que os dois traços (Mínimo e Grupo) são acionados, é um caso impossível por ser ambíguo, enquanto que (149d) pode ser considerado um caso neutro, pois não aciona nenhum dos traços de I.

Levando em conta que o pronome *i* em Karitiana é usado tanto em contextos claramente singulares como plurais (como podemos observar abaixo em (150) e (151), é plausível considerá-lo um pronome neutro para número (*cf.* Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006)) como representado no esquema em (149d) acima.

150. Dibm nakatari i

dibm      ø-naka-tar-i    i  
amanhã    3-decl-ir-fut    ele

Ele vai amanhã

151. Dibm nakahori i

dibm      ø-naka-hor-i    i  
amanhã    3-decl-ir.pl-fut    ele

Eles vão amanhã.<sup>23</sup>

Logo, como a terceira pessoa é neutra para número, não se faz necessária a existência de um pronome de terceira pessoa 'do plural' pois a forma *i* serve tanto para a referência de entidades singulares como plurais.

### 2.2.5 Conclusões

Embora os pronomes *yta*, *yjxa* e *ajxa* tenham a 'noção' de plural em suas denotações, essa noção não é proveniente de um traço [plural] expresso especialmente através de um morfema, mas sim de uma composição estrutural entre os pronomes que vai além de uma simples listagem de participantes.

---

23 Em Karitiana alguns verbos (três registrados) possuem duas raízes verbais: uma para argumentos singulares e outra para argumentos plurais.



Essa análise dos pronomes em Karitiana parece confirmar a hipótese de que os nominais em Karitiana são neutros para número (cf. Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006a.b)), embora não via listagem de participantes.

### **2.3 *i e ta* e a ligação em Karitiana**

Esta seção analisa as relações de ligação (e correferência) entre argumentos nominais na língua Karitiana, e para tal, faremos uso da *Binding Theory*, inicialmente desenvolvida em Chomsky (1981, 1986) e que vem sofrendo grandes modificações devido aos desafios colocados por dados encontrados através das línguas naturais.

*Binding Theory* pode ser definida, *grosso modo*, como o conjunto de condições envolvidas na co-ocorrência de diferentes tipos de nominais cobertos ou descobertos.

#### **2.3.1 *Background***

Chomsky (1981) observa certos padrões de comportamentos nos nominais em situação de co-ocorrência, e a partir destes padrões observou uma distribuição em três grupos regidos por princípios inter-relacionados. No caso, os nominais são distribuídos da seguinte maneira:

(i) Anáforas (reflexivos e recíprocos): nominais referencialmente dependentes de um antecedente na mesma sentença, com o qual marca traços gramaticais semelhantes, como por exemplo número e/ou gênero.

(ii) Pronomes: nominais que precisam ser livres em seus domínios locais e/ou possuir referência disjunta.

(iii) Expressões referenciais: nominais que precisam ser livres de ligação.

Esta distribuição de princípios inter-relacionados, resultou nas seguintes generalizações para os nominais nas línguas naturais: Princípio A, Princípio B e Princípio C, respectivamente. Estes Princípios podem ser definidos basicamente da seguinte maneira:

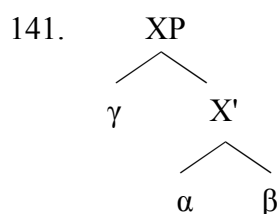
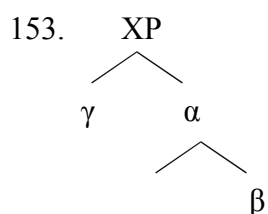
Princípio A = Uma anáfora precisa estar ligada na sua categoria de governo.

Princípio B = Um pronome precisa estar 'livre' na sua categoria de governo.

Princípio C = Uma expressão referencial precisa estar livre em qualquer lugar.

Além dos fatos de co-ocorrência e correferência, podemos perceber um importante papel de mais duas 'condições' as quais são chamadas de c-comando e de domínio. Ao observar o comportamento das anáforas no interior das sentenças, Chomsky (1981) percebeu que havia uma relação assimétrica entre uma anáfora (ligada) e um nominal: estes item possuem certas restrições de posição, ou seja, neste caso uma anáfora sempre precisa ser c-comandada por seu antecedente. Como podemos observar nos esquemas abaixo (140 e 141), c-comandar significa que dentro da teoria X-barras um item  $\alpha$  c-comanda um item  $\beta$  quando ocupa posição hierárquica superior e acessível a esse item, Chomsky (1981) define da seguinte maneira:

152.  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se  $\alpha$  não é dominado por  $\beta$  e todo sintagma  $\gamma$  que domina  $\alpha$  também domina  $\beta$ .



Se observarmos os exemplos abaixo, podemos constatar uma distribuição complementar entre o pronome *i* e a anáfora *ta*, pois em um dado domínio apresentado nas sentenças abaixo (154), o pronome não pode estar ligado a nenhuma expressão referencial (pelo menos não dentro de um determinado ambiente), enquanto a anáfora deve estar necessariamente ligada a um antecedente, exemplo (155) (*cf.* Princípios A e B da teoria de *Binding*):

154. **Taso** naokyt **iota**

**taso**<sub>1</sub>      ø-na-oky-t              **i**<sup>\*1/2</sup>-ota  
 homem      3-decl-matar-nfut      3-amigo

‘[O homem]i machucou seu(s) \*i /j amigo(s)’

(o homem machucou o(s) amigo(s) dele(s) – de outra pessoa) (Storto, 2007)

155. **Taso** naokyt **taota**

**Taso**<sub>1</sub>      ø-na-oky-t              **ta**<sub>1/\*2</sub>-ota  
 homem      3-decl-matar-nfut      3anaf-amigo

‘[O homem]i machucou seu(s) i /\*j amigo(s)’

(o homem machucou seu(s) próprio(s) amigo(s)) (Storto, 2007)

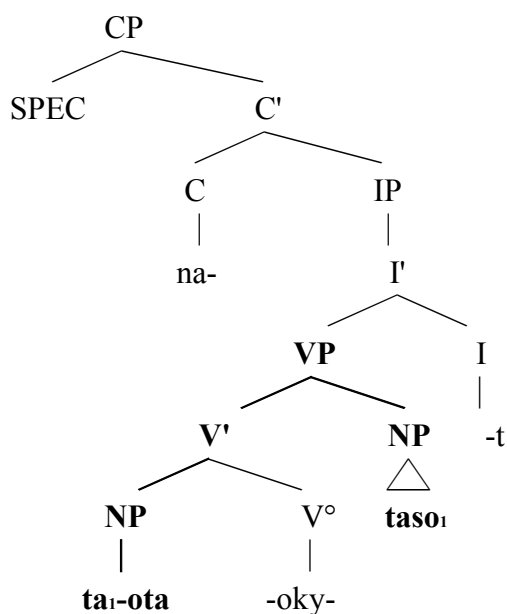
Apresentando os dados acima, podemos concluir que *i* e *ta* estão em distribuição complementar, o primeiro regido pelo Princípio B da teoria de *binding* e o segundo pelo Princípio A. Porém, como observado em Storto (1999), a língua Karitiana permite um grande leque de possibilidades de ordens de seus constituintes nas sentenças sem alteração (substancial) de seu significado ou efeito de gramaticalidade. Dessa forma, a sentença em (155) pode ser realizada com as seguintes ordens de seus constituintes:

156. a) **OVS:** **Taota**    naokyt    taso  
 b) **VOS:** Naokyt    **taota**    taso  
 c) **VSO:** Naokyt    taso      **taota**  
 (Storto, 2007)

Storto (2007) diz que não há ambigüidade sobre quem é o sujeito e quem é o objeto quando o *ta* ocorre nas sentenças principais já que o antecedente hierárquico é sempre o sujeito e a anáfora ocorre apenas em posição de objeto. Em (144c) parece não haver problema para a teoria de *binding*, pois a anáfora *ta* ocupa uma posição hierárquica mais baixa do que a expressão referencial *taso* 'homem' com a qual co-refere e assim, sob seu comando e por outro lado, *taso* se configura como acessível para a anáfora. Porém, como podemos explicar a gramaticalidade de (144a) e (144b)?

Embora os exemplos (156a) e (156b) pareçam ir de encontro às definições de *c*-comando dada em X acima, podemos partir da observação de Storto (2007) de a anáfora *ta* só ocorre na posição objeto, o que sugere que as relações e condições necessárias para ligação de pronominais em Karitiana se realizam em um estágio anterior aos movimentos em (156), ou seja, os exemplos de (154) até (156) possuem invariavelmente a seguinte estrutura profunda:

157.



Assim, movimentos associados a leituras específicas, como posições de tópico e

foco (ou diferentes escopos) resultam nas seguintes estruturas superficiais:

**158.**

**SVO:** [CP TasoS [C' naokyt<sub>tv</sub> [IP [VP [V' ta<sub>1</sub>ota t<sub>v</sub>] t<sub>s1</sub>] t<sub>v</sub>]]]

**OVS:** [CP Ta-otas [C' naokyt [IP [VP [V' t<sub>o1</sub> t<sub>v</sub>] taso<sub>1</sub>]t<sub>v</sub>]]] (foco no objeto)

**VOS:** [CP [C' Naokyt<sub>tv</sub> [IP [VP [V' ta<sub>1</sub>ota t<sub>v</sub>] taso<sub>1</sub>] t<sub>v</sub>]]]

**VSO:** [CP [C' Naokyt [IP taso [VP [V' ta<sub>1</sub>ota t<sub>v</sub>]t<sub>s1</sub>]t<sub>v</sub>]]]

Como podemos ver, se o controle e a ligação dos pronominais são checados em estrutura profunda, o c-comando é pertinente as posições estruturais onde os itens foram gerados.

### 2.3.3 Reflexivos de longa distância e orientação

Além de simples pronome e anáfora, *i* e *ta*, respectivamente, parecem exercerem a função de reflexivos de longa distância.

Em algumas línguas a Teoria de *Binding* encontrou problemas para definir o domínio de ligação entre pronominais e seus antecedentes. É o caso de línguas que possuem os chamados reflexivos de longa distância. Esses reflexivos tanto podem se comportar como típicos reflexivos se ligando em um dado domínio, quanto podem buscar o seu co-referente fora deste domínio, contrariando o princípio A da Teoria de *Binding*.

A anáfora *ta* em Karitiana possui essa característica, pois como podemos ver, ela aparece em uma sentença encaixada podendo estar ligada com um NP bem distante (147):

159. **Taso** naokyt **jonso** opokot **tasoo't** tykiri

<b>Taso</b>	ø-na-oky-t	<b>jonso</b>	opok-ot	<b>ta-so'oot</b>	tykiri
homem <sub>2</sub>	3-decl-matar-nfut	mulher <sub>1</sub>	inimigo- obl	3anaf* <sub>1/2</sub> -ver	quando

'O homem matou a mulher quando ele viu o inimigo' (Storto, 2007)

Como podemos observar no exemplo (159) acima, a ligação do *ta* cruza um NP imediato (o objeto da principal) e tem como correferência o NP sujeito da sentença principal. Dada esta ligação com o sujeito, extrapolando a 'barreira' do NP imediato, é possível que *ta* em Karitiana, além de reflexivo, seja um reflexivo de longa distância.

Uma característica muito comum nos reflexivos de longa distância é a presença de orientação na ligação, atestado no exemplo em (159).

### 2.3.4 Anáfora orientada para o sujeito

Um parâmetro comum nas línguas, que vem sendo atestado na Teoria de *Binding* é a orientação de alguns pronomes para determinados itens na sentença. Três tipos de orientação são bem conhecidas da literatura: a orientação para o sujeito, a orientação para o anti-sujeito e a logoforicidade (cf. Büring 2005).

Esse padrão nos sugere que *ta*, além das funções de anáfora, também possui a função de reflexivo de longa distância, o qual tem como orientação o sujeito da sentença. Nos casos em que *ta* é um reflexivo de longa distância, ele não possui indexação com um determinado item, neste caso, *ta* parece ser uma variável com uma informação de restrição de referencialidade – no caso, a de correferência com um sujeito.

Para os exemplos (161) e (162), em que a anáfora parece não se comportar como o esperado, ligando-se com o objeto, é importante lembrar que nestas sentenças, temos presente um morfema causativo, o que sugere '2 agentes' na sentença: o agente causador e o agente propriamente dito, que no caso, é o objeto:

161. Tagok  $\tilde{}$ jonso amang tuki'oot nampa'irat João Marcelo

[ta<sub>1/2/3</sub>-gok       $\tilde{}$ jonso<sub>1</sub>      amang      tyki'oot]       $\emptyset$ -na-**m**-pa'ira-t      João<sub>2</sub>      Marcelo<sub>3</sub>  
 3anaf-macaxeira      mulher      plantar      enquanto      3-decl-**caus**-aborrecer-nfut      J.      M.

Enquanto a mulher estava plantando a macaxeira (dela, do João ou do Marcelo), Marcelo fez João ficar bravo (Storto, 2007)

162. Tati ðwã okoot tuki'oot nampa'irat João Marcelo

[ta<sub>1/2/3</sub>-ti      ðwã<sub>1</sub>      okoot      tyki'oot]       $\emptyset$ -na-**m**-pa'ira-t      João<sub>2</sub>      Marcelo<sub>3</sub>  
 3anaf-mãe      criança      morder      enquanto      3-decl-**caus**-embravecer-nfut      J.      M.

Enquanto a criança mordida a mãe (dela, do João ou do Marcelo), o Marcelo fazia o João ficar bravo (Storto, 2007)

Dessa maneira a sentença (161) se traduziria por algo do tipo: “*O Marcelo fez o João embravecer*”. Dessa maneira, este caso especial em que objetos de verbos com o morfema causativo podem se ligar ao reflexivo não parece ser um contra-exemplo para o *ta* ser analisado como um reflexivo de longa distância orientado para o sujeito.

Como podemos observar, a anáfora de terceira pessoa *ta* segue um padrão de posições que conseguem 'buscar' referência. A partir dos exemplos de (158) até (162), onde são analisadas as posições ocupadas pelo *ta* - em construções possessivas e como argumento e suas possíveis ligações – podemos ressaltar três pontos acerca do comportamento da anáfora *ta*:

- (i) a anáfora *ta* está em algum tipo de distribuição complementar com o pronome *i* (pelo menos no que diz respeito a possibilidade de referência fora do discurso) e
- (ii) parece existir uma ordem estrutural, na qual a anáfora só pode localizar a referência em itens que estão hierarquicamente mais altos que ela:

163.	Suj. da Principal – Obj. da Principal – Suj. da subordinada – Obj. da subordinada.
[ +	<b>Hierarquia</b>
	- ]

- (iii) O item que liga o *ta* deve ser sujeito (do ponto de vista sintático) ou agente (do ponto de vista semântico).

Considerando as características listadas acima, podemos definir duas explicações para o comportamento desta anáfora: (i) a ligação estar baseada nos princípios da Teoria de *Binding*, porém a acessibilidade e o controle são checados na estrutura profunda, e não na Superficial, pois são possíveis diferentes ordens superficiais para as sentenças, como apontado em (156) e (ii) analisar o *ta* como uma anáfora de longa distância voltada para o sujeito.

### 2.3.5 Uma anáfora orientada para o anti-sujeito?

Em Karitiana, há um fato interessante, em estruturas possessivas há uma distribuição entre o uso de *ta* e *i* como possuidor. Vejamos:

164. João nakahit **tati** ðwãty

João <sub>1</sub>	ø-naka-hi-t	ta <sub>1/*2</sub> -ti	ðwã <sub>2</sub> -ty
João	3-decl-dar-nfut	3anaf-mãe	criança-obl

'João deu a criança para a mãe dele (mãe do João).'

165. João nakahit **iti** ðwãty

João <sub>1</sub>	ø-naka-hi-t	i <sub>*1/2</sub> -ti	ðwã <sub>2</sub> -ty
João	3-decl-dar-nfut	3-mãe	criança-obl

'João deu o menino para a mãe dele (mãe do menino).'

166. Taota atakahit Mariaty João

ta <sub>1/*2</sub> -ota	a-taka-hi-t	Maria <sub>2</sub> -ty	João <sub>1</sub>
3anf-amigo	?-decl-dar-nfut	Maria-obl	João

João deu [em casamento] a Maria para o amigo dele/\*dela



167. Iota atakahit Mariaty João

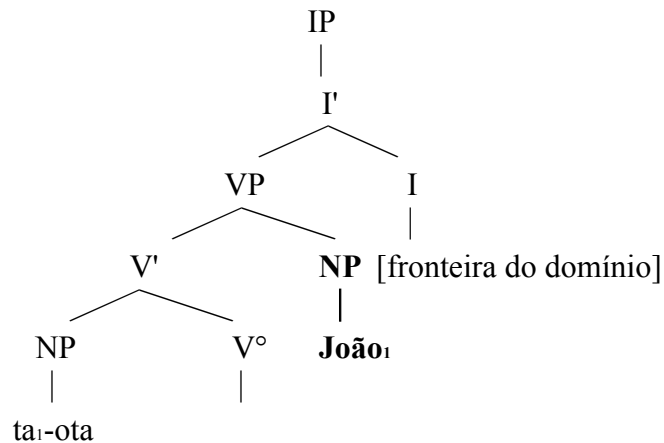
i*1/2/3-ota	a-taka-hi-nfut	Maria <sub>2</sub> -ty	João <sub>1</sub>
3-amigo	?-decl-dar-nfut	Maria-obl	João

João deu [em casamento] a Maria para o amigo dela/\*dele

Enquanto o *ta* possui orientação para o sujeito, podemos observar que o item *i*, parece também poder ser usado como anáfora, e neste caso ele possui orientação para o anti-sujeito. Karitiana possui duas anáforas?

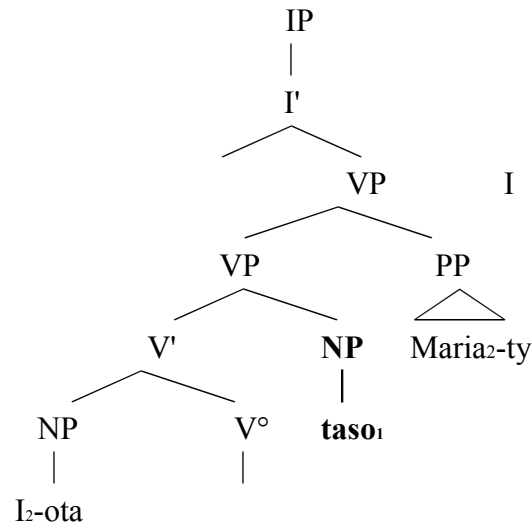
Embora, esse *i* pareça estar se ligando como uma anáfora, é importante lembrar que Karitiana não possui Concordância do tipo construído na relação Spec X Núcleo de Agr e, sendo assim, as relações de ligação nesta língua acontecem na estrutura profunda, antes de qualquer movimento, e assim, o domínio local é definido, tendo como fronteira o Sujeito:

168. (cf. 166).



Se o Domínio local é definido dessa maneira, qualquer NP (não sujeito) que comande *i* fora dessa fronteira, pode estar ligado com ele:

169. (cf. 167)



Embora esse *i* pareça estar em distribuição complementar com o *ta*, na verdade não passa de um pronome, regido pelo princípio B.

### 2.3.6 *i* e *Ta*: pronomes relativos?

Além de anáfora e pronome (obedecendo ao princípio A e B, respectivamente, da Teoria de *Binding*) e de reflexivo de longa distância (*ta*) – orientado para o sujeito –, *ta* e *i* aparecem em um terceiro contexto já apontado anteriormente: as estruturas relativas Maximadoras. Vejamos os exemplos (170) e (171) abaixo:

170. [Taakatyym]<sub>6</sub> nasoko<sup>5</sup>it eremby taso<sub>6</sub>

ta <sub>1</sub> -akatyym	na-soko <sup>5</sup> i-t	eremby	taso <sub>1</sub>
eles-todos	decl-amarrar-nfut	rede	homem

'Todos os homens amarraram a rede'

171. [Iakatyym]<sub>7</sub> nasoko<sup>7</sup>it eremby t<sub>7</sub> taso

i<sub>2</sub>-akatyym na-soko'i-t eremby<sub>2</sub> taso  
elas-todas<sup>24</sup> decl-amarrar-nfut rede homem

'Os homens amarraram toda(s) a(s) rede(s)'

A primeira vista, parece razoável analisar estes itens como pronomes ocupando o que seria a posição de um pronome relativo tipo Wh-, porém como apontam os exemplos abaixo, podemos constatar a existência de pronomes Wh- (*morã* ou *morãmon*) diferentes de *i* e *ta*, e além disso, podemos observar que em relativas livres o que temos como elemento relativo é o próprio pronome Wh-, vejamos:

172. Ypyso'oot hãrajan morã João so'oot hãrajamty

y-py-so'oo-t hãrajan morã João so'oot hãrajamty  
1-assert-gostar-nfut ? Wh- João Gostar-obl

'Eu gosto de que/quem o João gosta'

173. \*Ypyso'oot hãrajan i/ta João so'oot hãrajamty

y-py-so'oot hãrajan i/ta João so'oot hãrajamty  
1-assert-gostar- nfut 3/3anf João gostar-obl

'Eu gosto de que/quem o João gosta'

Assim, acreditamos que a hipótese mais interessante para a descrição do *ta* e do *i* das sentenças maximadoras nos exemplos (170) e (171), é a de que eles são traços que podem ou não ser ativados, e a sua ativação está vinculada com a necessidade de marcação da origem da geração do item *akatyym*, a fim de não gerar ambigüidades acerca de com qual item esta relativa está operando. Quanto a escolha de *ta* ou *i* no preenchimento fonológico é o resultado da combinação da orientação destes itens, sujeito e anti-sujeito, respectivamente, com a posição estrutural e o papel temático recebido pelo NP dominante

24 Em Karitiana não há concordância de gênero, e esse recurso foi utilizado na glosa como meio de reforçar a ligação entre o argumento interno do verbo (eremby 'rede') e o iakatyym. Essa ligação é estabelecida pela forma 'i' que possui direcionamento para o anti-sujeito, como será esmiuçado mais adiante.

e sua relativa. Dessa maneira, o fato do NP dominante ocupar a posição de sujeito (recebendo o papel de agente) a forma *i* é bloqueada, cabendo apenas a forma *ta* (compatível com sujeitos) preencher esta posição. O mesmo acontece com um NP numa posição de não sujeito, apenas compatível com a forma *i*.

### **2.3.7 Conclusões**

Embora em Karitiana várias ordens de palavras sejam possíveis, a Teoria de *Binding* é atestável, tendo em conta que a indexação, o c-comando e a 'definição' de domínio são resolvidos em Estrutura Profunda (OVS ou SOV, de acordo com Storto, 1999), permitindo que na Estrutura Superficial (SVO, OVS, VOS e VSO) as sentenças apresentem ordens que aparentemente não satisfazem aos princípios esperados.

O pronome *ta* em Karitiana funciona tanto como uma anáfora simples, quanto como um reflexivo de longa distância; nas relativas Maximadoras, o *i* e o *ta* que aparecem são traços ativados, ligados com o NP movido para o NP dominante (em cadeia, na estrutura profunda da sentença).

### 3.1 Considerações Finais

Como foi mostrado, NP+*akatyym* tem uma morfossintaxe que sugere se tratar de uma sentença relativa, ao invés de um canônico Quantificador-D. Sua leitura de Universalidade é uma característica encontrada em sentenças Relativas nas línguas naturais como aponta de Vries (2002). O NP relativo é sempre gerado internamente a AspP, mas sofre necessariamente movimento para Spec de AspP e possivelmente para fora da relativa, embora sua interpretação semântica sempre aconteça dentro da relativa (cf. Grosu & Landman, 1998).

Karitiana não possui pronomes demonstrativos, mas no lugar destes possui uma estratégia sentencial – o uso de relativas - para gerar o 'efeito demonstrativo' com as características apontadas por Büring (2007) para itens deste tipo.

Embora os pronomes (*yta*, *yjxa* e *ajxa*) tenham a 'noção' de plural em suas denotações, esta noção não é proveniente de um traço [plural] – um morfema –, mas sim de uma composição estrutural entre os pronomes que vai além de uma simples listagem de participantes.

Por fim, apontamos que a não existência de um item lexical específico para a quantificação Universal nominal, de pronomes demonstrativos e de uma efetiva morfologia de número nos pronomes pessoais corroboram a hipótese de não existência da categorial funcional DP nos nominais em Karitiana proposta por Müller, Storto & Coutinho-Silva (2006a,b).

#### 4. Referências Bibliográficas

AJÍBÓYÈ, O. J. (2005) "Topics in Yorùbá Nominal Expressions" Phd Thesis. The University Of British Columbia. November.

BACH, E., JELINEK, e., KRATZER, A. & PARTEE, B. (1995) "Introduction" *Quantification in Natural Languages*. Netherlands: Kluwer, 1-11.

BERNSTEIN, J. (2001) "The DP Hypothesis: Identifying Clausal Properties in the Nominal Domain". In M.R. Baltin & C. Collins (eds), *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*: 536-561

BITNER, Maria. (1995) "Quantification in Eskimo: A Challenge for Compositional Semantics" In: Kratzer & Partee et al. (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Netherlands: Kluwer, 59-80..

BÜRING, Daniel. (2005) "Binding Theory" *Cambridge Textbooks in Linguistics*. Cambridge.

BÜRING, Daniel. (2007) "Pronouns" <http://semanticsarchive.net/Archive/Dg4YzMwY/buring.HSK.pronouns.07.pdf>.  
Acessado dia 02/06/2007.

CHIERCHIA, G. (1998) "Reference to kinds across languages". *Natural Language Semantics* n. 6, p. 339-405.

CHIERCHIA, G. (2003) "Semântica". Campinas: Ed. da UNICAMP; Londrina: EDUEL.

CHUNG, S. (2000) "On reference to kinds in Indonesian". *Natural Language Semantics*, n. 8, p. 157-171.

COUTINHO-SILVA, Thiago. (2005) "Singular X Plural em Karitiana". In: 53º Seminário de Gel, 2005, São Carlos. Resumos do 53º Seminário do GEL, 2005. v. 1. p. 572-573.

COUTINHO-SILVA, Thiago. (2007) "A geometria de traços nos pronomes pessoais em karitiana" In: V Congresso Internacional da Abralin, Belo Horizonte, MG.

COUTINHO-SILVA, Thiago. ; STORTO, L. (2005) . "O Sintagma Nominal em Karitiana". In: 13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica USP/CNPq, 2005, São Paulo. 2005 13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica USP. v. 13º.

de VRIES, Mark. (2002) "The Syntax of Relativization". Netherlands: LOT.

GIL, David. (1987). "Definiteness, Noun Phrase Configurability, and the Count-Mass Distinction". in: REULAND, E. J. & ter MEULER. A. *The representation of (in)definiteness*. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press. P.254-269.

GROSU, Alexander & LANDMAN, Fred. (1998) "Strange Relatives of Third Kind". In: *Natural Languages Semantics* 6: Netherlands, 125-170.

HAEGEMAN, L. (1994) "Introduction to Government and Binding Theory" (2ª edição).

HARBERT, Wayne. (1995) "Binding Theory, Control and pro" In: *Government and binding theory and the minimalist program : principles and parameters in syntactic theory*. ed. Gert Webelhuth. Oxford, UK; Cambridge, Mass. : Blackwell, 179-234.

HANSON, Rebecca, Heidi HARLEY e Elizabeth RITTER. (2000). "Underspecification and Universal Defaults for person and number features". In: *Proceedings of the Canadian Linguistics Association, UofTWPL*.

HARLEY, Heidi (1994). "Hug a Tree: Deriving the Morpho-syntactic Feature Hierarchy." *MIT Working Papers in Linguistics* 21: 289-320.

HARLEY, Heidi e Elizabeth RITTER (1998) "Meaning in morphology: A feature-geometric analysis of person and number". GLOW 20, Tilburg, The Netherlands.

HARLEY, Heidi e Elizabeth RITTER (2002). "Structuring the Bundle: a universal Morphosyntactic feature geometry". In H. Weise and H. Simon, eds., *Pronouns*, Elsevier Press.

HARLEY, Heidi, and Rolf NOYER (1999). "State-of-the-Article: Distributed Morphology." *Glott 4.4*: 3-9.

HARLEY, Heidi e Elizabeth RITTER (2002). "Person and Number in Pronouns: a Feature-Geometric Analysis". In: *Language* 78 (3):482-526.

EVANS, Gareth. (1980) "Pronouns". *Linguistic Inquiry*, Vol.11, number 2, 337-362.

EVANS, Nick. (1995) "A-Quantifiers and Scope in Mayali" In: Kratzer & Partee *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Netherlands: Kluwer, 207-270.

JELINEK, Eloise. (1995) "Quantification in Straits Salish". In: Kratzer & Partee *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Netherlands: Kluwer, 487-540.

KRATZER, Angelika. "The Event Argument and the Semantics of Verbs". Dezembro de 2002. (manuscritos do Capítulos 1, 2, 3 e 4.) <http://semanticsarchive.net/Archive/GU1NWM4Z/> (acessado dia 21/05/2006).

MÜLLER, A.P. (2001) "Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese". In: WEERLE, Adam; KIM, Ji-Young (Ed.). *The semantics of under-represented languages in the Americas*, UMOF. Amherst, MA: GLSA, The University of Massachusetts.. p. 72-80.

MÜLLER, A.P., STORTO, L. & COUTINHO, T. (2006a). "Number and the Count-Mass

- Distinction in Karitiana". WSCLA Proceedings 11. Vancouver, Canada. Pgs. 122-135.
- MÜLLER, A.P., STORTO, L. & COUTINHO, T. (2006b). Número e a Distinção Contável-Massivo em Karitiana. Revista da ABRALIN, vol. V, números 1 e 2. Pgs. 185-213.
- RAPOSO, Eduardo. (1992) "Teoria da Gramática. A faculdade da Linguagem". Caminho, Coleção Universitária, Lisboa.
- SANCHEZ-MENDES, L. (2005) "Variação semântica: pluracionalidade e quantificação". Trabalho apresentado no *Simpósio de Iniciação Científica da USP – SICUSP*, USP, São Paulo.
- SANCHEZ-MENDES, L. (2007). "Quantificação Adverbial em Karitiana" Trabalho apresentado na ABRALIN 2007. Belo Horizonte.
- STORTO, L. (1999) "Aspects of Karitiana grammar". Massachusetts Institute of Technology. (tese de doutorado).
- STORTO, L. (2003). "Interactions between verb-movement and agreement in Karitiana" (Tupi Stock). Revista Letras 60, 411-433.
- STORTO, L. 2007 "Um argumento de terceira pessoa não especificado para número" (manuscrito).
- VIEIRA, M. D. (1995) "The Expression of Quantificational notions in Asurini do Trocará: Evidence Against The Universality of Determiner Quantification" In: Kratzer & Partee *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Netherlands: Kluwer, 701-720..
- WILHELM, A. (2005) "Bare Nouns in Dëne Suliné". Talk presented at SULA-3, Buffalo, USA.